



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

DOUGLAS LIMA DA COSTA

**COSMOVISÕES EM CONFLITO: DISCURSO CRISTÃO X DISCURSO
ACADÊMICO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

São Cristóvão - SE

2020

DOUGLAS LIMA DA COSTA

**COSMOVISÕES EM CONFLITO: DISCURSO CRISTÃO X DISCURSO
ACADÊMICO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

Trabalho apresentado como requisito para a
obtenção do título de mestre na Pós-
Graduação em Ciências da Religião pela
Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Orientador: Prof.º Dr.º José Rodorval Ramalho

São Cristóvão - SE

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C837c

Costa, Douglas Lima da.

Cosmovisões em conflito: discurso cristão x discurso acadêmico na Universidade Federal de Sergipe / Douglas Lima da Costa. - São Cristóvão, 2020.

99f.

Orientador: Prof. Dr. José Rodorval Ramalho.

Dissertação (Mestrado Ciência da Religião) – Universidade Federal de Sergipe. Centro de Educação e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião. Área de Concentração: Campo Religioso Brasileiro.

1. Cristãos - Universidade. 2. Secularização - Dissertação. 3. Espaço Público– Dissertação. I. Ramalho, José Rodorval. II. Universidade Federal de Sergipe. III. Título.

SE/UFS

CDU 2:322

Para a minha maior inspiração, Melânia Vicência de Lima.

AGRADECIMENTOS

A Deus, a minha gratidão diária. Ele me inspirou, capacitou e conduziu em todo o tempo.

A minha mãe, que tendo tão pouca instrução sempre me fez acreditar que só a educação seria capaz de me tornar tudo aquilo que eu sempre quis ser.

Aos meus irmãos Dayse, Dênisson e Diego Costa, que apesar de particularmente diferentes, sempre acreditaram na minha capacidade e me incentivaram a trilhar o caminho do saber. Ao meu sobrinho Ruan Diego, que a busca pelo conhecimento seja o meu legado em sua vida.

Agradeço a Marcelo James Gonçalves de Oliveira Junior pela paciência e compreensão nos momentos de estresse e ausência. Esta etapa da minha vida não teria sido a mesma sem a sua companhia.

Ao meu orientador Prof. Dr. José Rodorval Ramalho que magistralmente me conduziu durante este processo e, como um verdadeiro mestre, partilhou de seus valiosos conhecimentos despertando em mim uma visão para além do óbvio.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa durante todo o período de realização deste mestrado, fundamental para que eu pudesse desenvolver a pesquisa e participasse de importantes eventos correlacionados.

Aos meus diletos sócios e amigos Crislaine Borges e Edson Cardoso, que por tantas vezes compreenderam minha ausência no escritório.

Por fim, e, não menos importante, ao meu colega de classe Ramon Diego Fonseca Costa, que atravessou comigo este percurso e se tornou um amigo para além da academia. A Ludmilla Silva de Oliveira que tive a imensa satisfação de conhecer durante esta jornada e que agora desfruto de sua estimada amizade.

“A palavra é meu domínio sobre o mundo”.

Clarice Lispector.

RESUMO

A combinação entre fé e razão é um dos pilares constitutivos do cristianismo. Não é por acaso que a Igreja Católica protagonizou a criação das primeiras instituições universitárias em Bolonha, Paris, Cambridge e Oxford, em meados do longínquo século XII. No Brasil, a trajetória das universidades obedeceu à outra lógica, mais secular. No entanto, as tensões que envolvem o *modus* ciência x religião não se esgotaram. A dinâmica da modernidade pôs em xeque a linearidade atribuída ao processo de secularização. A força do pensamento secularizado tem atuado veementemente na legitimação do afastamento da religião dos espaços públicos, dentre eles, o campo universitário. Nesse sentido, o presente estudo teve como objetivo identificar as tensões que revestem a vivência de cristãos no ambiente acadêmico da Universidade Federal de Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, embasada nas técnicas de construção dos dados empíricos - pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo através de entrevistas individuais semiestruturadas e análise de conteúdo dos grupos focais. Os resultados obtidos estruturaram a construção das categorias de análise: perda de plausibilidade, fanatismo e religião e comportamentos. Através destas, concluiu-se que o ambiente acadêmico se revela conflituoso a estes indivíduos, que além do viés religioso, estabelecem entre si conexões e promovem o diálogo entre fé e razão no ambiente acadêmico.

Palavras- chave: Cristãos. Universidade. Secularização. Laicidade. Espaço Público.

ABSTRACT

The combination of faith and reason is one of the constitutive pillars of Christianity. It is no coincidence that the Catholic Church led the creation of the first university institutions in Bologna, Paris, Cambridge and Oxford, in the middle of the distant 12th century. In Brazil, the trajectory of universities followed another, more secular logic. However, the tensions surrounding the *modus science x religion* have not been exhausted. The dynamics of modernity called into question the linearity attributed to the process of secularization. The strength of secularized thinking has acted vehemently in legitimizing the removal of religion from public spaces, among them, the university field. In this sense, the present study aimed to identify the tensions that cover the experience of Christians in the academic environment of the Federal University of Sergipe (UFS), Campus São Cristóvão, based on the techniques of construction of empirical data - bibliographic research, field research through semi-structured individual interviews and content analysis of the focus groups. The results obtained structured the construction of the analysis categories: loss of plausibility, fanaticism and religion and behaviors. Through these, it was concluded that the academic environment proves to be conflictive to these individuals, who in addition to the religious bias, establish connections between themselves and promote the dialogue between faith and reason in the academic environment.

Keywords: Christians. University. Secularization. Laicity. Public place.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PET	Programa de Educação Tutorial
Blinc	Business Leaders in Christ
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UFS	Universidade Federal de Sergipe
PUC	Pontifícia Universidade Católica
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
FAPESP	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
UNE	União Nacional dos Estudantes
ANDE	Associação Nacional de Educação
ANPED	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CEDES	Centro de Estudos Educação e Sociedade
MEC	Ministério da Educação
CONDE	Conselho de Desenvolvimento de Sergipe
CFE	Conselho Federal de Educação
ADUFS	Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe
SINTUFS	Sindicato dos Trabalhadores Técnico Administrativo da Universidade Federal de Sergipe
CNJ	Conselho Nacional de Justiça
ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
STF	Supremo Tribunal Federal
RE	Recursos Extraordinários
CEPC	Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo
UCLA	Universidade da Califórnia em Los Angeles
ABC	Associação Brasileira Cristãos na Ciência

AKET	Associação Kuyper para Estudos Transdisciplinares
TWCF	Templeton World Chanty Renovadas
RCC	Renovação Carismática Católica
ABU	Aliança Bíblica Universitária
LGBTQ+	Lesbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer mais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PANORAMA HISTÓRICO DO SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS UNIVERSIDADES	18
2.1	ORIGEM DAS UNIVERSIDADES – IDADE MEDIEVAL	18
2.2	DA BUSCA DA VERDADE À BUSCA PELA TÉCNICA – UNIVERSIDADE MODERNA	21
2.3	O ADVENTO DA UNIVERSIDADE NO BRASIL	25
2.4	O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)	32
3	SECULARIZAÇÃO E LAICIDADE	40
3.1	SECULARIZAÇÃO E LAICIDADE EUROPEIA	40
3.2	SECULARIZAÇÃO E LAICIDADE À BRASILEIRA	48
4	EXPERIÊNCIA DE CRISTÃOS NO AMBIENTE ACADÊMICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	57
4.1	SUJEITOS E MÉTODOS	57
4.1.1	Metodologia	57
4.1.2	Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo (CRU)	60
4.1.3	Associação Brasileira Cristãos na Ciência	61
4.1.4	Louva UFS	62
4.1.5	Movimento Tridentino	63
4.1.6	Dunamis Movement	64
4.1.7	Gravetinhos	65
4.1.8	AdventoUFS	65
4.1.9	Grupo de Oração Universitário Sacrário Vivo	66
4.1.10	Jovens Sarados e Capelinha Mãe Rainha Universitária	68
4.2	CATEGORIAS DE ANÁLISE	68
4.2.1	Perda de plausibilidade	69
4.2.2	Fanatismo	79
4.2.3	Religião e comportamentos	85
5	CONCLUSÃO	89
	REFERÊNCIAS	94

1 INTRODUÇÃO¹

A combinação entre Fé e Razão é um dos pilares constitutivos do cristianismo desde a sua fundação. Talvez por essa razão Paulo tenha procurado os filósofos e não os religiosos na Grécia antiga (Atos 17:18) e em suas cartas tenha feito uso de citações de filósofos, poetas e autores teatrais gregos².

Não é por acaso também que a Igreja protagonizou a criação das primeiras instituições universitárias em Bolonha, Paris, Cambridge e Oxford, em meados do longínquo século XII. A Pontifícia Academia de Ciências do Vaticano foi fundada em 1603 e é a mais antiga instituição dessa natureza no Ocidente. Com a Reforma Protestante, essas iniciativas se consolidaram e se ampliaram até os dias atuais. Apesar de todas as tensões teóricas e políticas, o cristianismo tem mantido o diálogo com esse campo da produção do conhecimento³.

Ainda no prelúdio da Idade Média, o conhecimento é potencializado com as ideias teológicas e reflexivas de Santo Agostinho através de um método bastante peculiar, que embora defendesse a sabedoria sagrada como superior sobre o que se concebia como ciência naquela época, foi primal em muitos aspectos, dentre eles, ao tratar de assuntos como a salvação, graça divina e o livre arbítrio. Seus métodos exerceram consecutiva influência sobre a filosofia europeia continental durante o século XX.⁴

Nesse toar, Étienne Gilson (1884-1978) - filósofo francês neo-escolástico, foi enfático ao sobressaltar a seguinte afirmação: “O deus da razão é o deus da ciência, o Deus da fé é o Deus da salvação” (GILSON, 2007, p.40). Mais que mera

¹ Segundo a ABNT NBR 6024:2003 referente à **Numeração progressiva das seções de um documento escrito** são consideradas seções de um trabalho “parte em que se divide o texto de um documento, que contém as matérias consideradas afins na exposição ordenada do assunto” e complementando esse tema o tópico 2.4 da mesma norma designa seção primária toda a divisão principal do texto de um documento. Assim também, a Norma ABNT NBR 6027:2003 referente ao **Sumário** no seu tópico 4 (quatro) que enuncia que o sumário é o último elemento da parte pré-textual. Dessa forma, o último elemento que não possui numeração progressiva. As duas normas citadas estão contidas no **Manual de Normas para Dissertações e Teses NPGED** que são seguidas pelo programa. Sendo assim, introdução é uma seção primária e deve ser numerada.

² Disponível em: <http://olharunificado.blogspot.com/2016/11/o-apostolo-paulo-e-seu-uso-da-filosofia.html>. Acesso em 17 jun. 2019.

³ Adaptado de : <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/onde-e-quando-surgiu-a-primeira-universidade-2/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

⁴ Adaptado de: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/onde-e-quando-surgiu-a-primeira-universidade-2/>. Acesso em: 15 fev. 2020.

diferenciação do uso da letra “d” e “D” ao referir-se ao deus racional e ao Deus sagrado, a menção diz respeito às tensões que marcaram a relação fé e ciência a partir do século XIII e que foram objeto de discussão quando confrontadas com a doutrina filosófico-teológica de Tomás de Aquino.

Para Rogério Miranda de Almeida (2015) o debate acerca da relação fé e ciência dos séculos XII e XIII ganhou um novo frescor desde que Pedro Abelardo (1079-1142), filósofo escolástico, teólogo e lógico francês, através de um estudo sistemático, municiou a teologia do status de ciência. Este marco fez com que a discussão não mais pairasse entre o "saber cristão" e o "saber pagão", mas em uma possível aproximação entre a filosofia e a teologia naquele momento. E o mesmo autor discorre que já no século XI estava clara a distinção entre a filosofia e a teologia cristã.

O surgimento das primeiras Universidades⁵ se deu no século XIII segundo Charle e Verger (1996) na Europa Ocidental e com a modernidade sofreu amplas modificações. Na modernidade a religião também passou a ser encarada com um novo olhar e inicia-se um processo que ficou conhecido como secularização, que será objeto de debate no segundo capítulo do presente estudo.

Mircea Eliade (2010, p.19) ousa dizer que “o homem moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma existência profana”. Apesar disso, os novos arranjos que emergiram no ocidente moderno, por si mesmos reverberaram inúmeros outros anseios da sociedade, o que ficou conhecido como "crise da modernidade".

No Brasil, o processo de secularização também teve as suas especificidades. Nesse sentido, o surgimento e trajetória das universidades podem ser bastante ilustrativos dessa lógica mais secular, conforme será apresentado no decorrer do trabalho.

Atualmente, essa forte introjeção do pensamento secularizado tem atuado veementemente na legitimação do afastamento da religião de alguns espaços, dentre eles, o campo científico. Desenvolveu-se o conceito de uma ciência pura, academicamente testada e aceita que refuta os modelos tradicionais, sobretudo, com algum elo religioso. A existência de cristãos nesses ambientes, porém, ocasiona tensões nesse consenso.

⁵ Durante todo o texto as palavras universidade e igreja aparecem com grafias variadas, quando mencionada com a inicial maiúscula se deve à ênfase que quer se dar ao discurso do texto e salientar ou especificar a instituição. As versões com inicial minúscula se tratam da generalização do termo.

Apesar disso, para algumas pessoas, a fé nunca deixou de ser fundamento de sua existência. No caso dos cristãos, “ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não veem” (Bíblia Sagrada, Hebreus 11:1), para aqueles que vivenciam com intensidade a religião, ela representa o aspecto mais importante da vida, muito mais que uma manifestação cultural. É fundamental para a sua identidade, é alicerce de sua compreensão da realidade e determinante dos seus pontos de vista sobre a humanidade.

Esse processo de secularização não se deu de maneira linear. Uma das faces da modernidade também provou através dos movimentos de ressurgência religiosa que parcelas importantes dos indivíduos modernos buscam na religião respostas para as suas demandas, sentido pessoal e um status de coesão social outrora fragmentado. Além disso, não veem antinomia entre fé e razão, sendo que um dos espaços pelos quais podemos verificar essa circunstância é no ambiente acadêmico.

Ao longo da sua existência, a universidade brasileira sempre lidou, sem maiores entraves, com a presença de cristãos, tanto no corpo docente quanto discente. Não obstante, durante a graduação, através de diálogos com indivíduos que professam a fé cristã, foram erguidas suspeitas de que as tensões que envolvem o *modus* fé x razão não se esgotaram. Grupos de oração, círculos bíblicos, movimentos pastorais, entre outros eventos, têm provocado reações críticas, por serem entendidas como inadequadas num ambiente laico, acadêmico e público.

Recentemente, o debate intitulado “Universidade e Laicidade⁶”, promovido pelo Programa de Educação Tutorial (PET) de História e do Grupo de Estudos Antônio Gramsci, da Universidade Federal de Campina Grande, resultou em grande controvérsia pública em razão dos debatedores do evento se colocarem abertamente a favor do impedimento das ações do “Grupo de Oração Universitário Santa Teresinha do Menino Jesus”, liderado pela Renovação Carismática Católica que se reúne ocasionalmente durante intervalos das aulas dentro da instituição.

Segundo os críticos, cujo rol incluem professores dos grupos de pesquisa mencionados, o ambiente universitário é laico e não permite esse tipo de atividade, alegam, entre outras coisas, que a prática de realizar orações e/ou qualquer outra

⁶ Disponível em: <http://direitoereligiao.com/o-caso-ufcg-estado-laico-e-liberdade-religiosa-no-campus/> <https://www.diariodosertao.com.br/?p=373948>. Acesso em: 10 abr. 2019.

atividade de natureza religiosa é “inconstitucional” e “obscurantismo”, que “a religião é uma questão de foro íntimo” e que vão “combater essa aberração”⁷.

Em 2012, uma aluna do curso de direito de Universidade Estadual de Roraima em Boa Vista, foi parar na delegacia depois que uma das professoras do curso se recusou a dar aula para a sua turma, em razão dos trajes e objetos pessoais utilizados pela aluna, que afirma ter sido vítima de intolerância religiosa⁸.

Nos primórdios da criação da própria Universidade Federal de Sergipe, Lima (2009, pp. 64-65) relembra que Dom Luciano Duarte recebeu duras críticas "pelo fato de também ser um representante da Igreja Católica, com posicionamento conservador, era mais um motivo para ser combatido, apesar de ter sua competência intelectual reconhecida".

Este cenário não é exclusivo do plano nacional. Em fevereiro de 2017, um estudante cristão da Universidade Northern Arizona foi expulso da sala⁹ de aula por abrir a bíblia e fazer sua leitura habitualmente antes de iniciar a aula, fato que incomodou a professora que requereu que o livro fosse fechado imediatamente e findou na retirada do aluno da sala.

Em outro episódio, a Faculdade Georgia Gwinnett expulsou Chike Uzuegbunam¹⁰, um aluno cristão que pregava o evangelho dentro da universidade por considerar sua mensagem um discurso de ódio. Outro caso semelhante se deu no outono de 2017 quando a Universidade de Iowa nos Estados Unidos expulsou do campus o *Business Leaders in Christ* (BLinC)¹¹, organização estudantil cristã, porque o grupo exigia que seus líderes afirmassem suas crenças na fé e estilo de vida cristão, tal fato foi apreciado pelo tribunal norte americano que proferiu sentença favorável à organização estudantil cristã.

⁷ Disponível em: <https://rafinhadurand.jusbrasil.com.br/artigos/692198902/o-caso-ufcg-estado-laico-e-liberdade-religiosa-no-campus> Acesso em: 15 jan. 2020.

⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/2012/03/aluna-de-universidade-de-rr-diz-ter-sido-vitima-de-intolerancia-religiosa.html>. Acesso em: 17 jun. 2019

⁹ Disponível em: <https://adperus.com.br/noticias-crista/estudante-cristao-e-expulso-de-sala-de-aula-por-professora-feminista-motivo-ele-abriu-a-biblia/>. Acesso em: 05 de maio 2019.

¹⁰ Disponível em: <https://portalwebgospel.com.br/faculdade-expulsa-estudante-cristao-que-pregou-o-evangelho-no-campus-discurso-de-odio/>. Acesso em: 05 de maio 2019.

¹¹ Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/juiz-decide-a-favor-de-grupo-cristao-expulso-de-campus-universitario-nos-estados-unidos-72709>. Acesso em: 05 de maio 2019.

Segundo dados do censo¹² de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) cristãos representam 86,8% da população brasileira, sendo os católicos 64,6% e os evangélicos 22,2%. É provável que essa proporção seja replicada no ambiente universitário, apesar de não conhecermos pesquisas acadêmicas sobre o levantamento deste percentual nas universidades.

Apesar disso, segundo pesquisas¹³ apresentadas em 2014 por Airton Dias, professor da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), cerca de 64% dos jovens que entram nas universidades afirmando serem cristãos, concluem seus estudos abandonando sua fé; além disso, 83% dos jovens deixam de frequentar a igreja depois que são graduados.

Partindo de tais constatações, o objeto desta pesquisa centrar-se-á nas tensões que revestem a cosmovisão¹⁴ cristã dentro do ambiente acadêmico da Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, enquanto espaço público, tendo como pano de fundo a relação entre religião (fé cristã) e o contexto acadêmico contemporâneo (razão/ciência).

O intento norteador da presente dissertação é: compreender, através de métodos qualitativos, a percepção dos cristãos sobre as hostilidades que revestem o ambiente universitário, sobretudo, oriundas de colegas e professores em sala de aula na Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, à luz das discussões dos conceitos de laicidade e secularização. Especificamente, serão identificados os grupos, suas concepções e plataformas de ação; registro de eventos por eles promovidos; entrevistas com os sujeitos em análise sobre as suas percepções do fenômeno.

A estrutura da dissertação está posta da seguinte forma: introdução, o segundo capítulo foi dedicado a um panorama histórico que teve como eixos: (a)

¹²Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao&view=noticia>. Acesso em: 12 abr. 2019.

¹³Disponível em: <https://www.google.com/amp/s/r.amply.cloud/%3furl=https://guiame.com.br/gospel/mundo-cristao/maioria-dos-cristaos-que-entram-na-universidade-abandonam-igreja-diz-professor.html>. Acesso em: 10 abr. 2019.

¹⁴ O termo cosmovisão [worldview] veio da língua Inglesa como uma tradução da palavra alemã Wel-tanschauung [percepção (de mundo), ponto-de-vista, concepção (de mundo), cosmovisão]. Diz respeito à “estrutura abrangente das crenças básicas de alguém sobre coisas”. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/cosmovisao/cosmovisao_wolters.htm Acesso em 16 jan. 2020.

origem das universidades - religião e ciência; fé e razão; (b) origem das universidades no Brasil - as relações entre ciência e religião e (c) o contexto do surgimento da Universidade Federal de Sergipe. No terceiro capítulo, discutiu-se: (a) o diversificado processo de laicização na Europa e (b) a especificidade da laicização da sociedade brasileira, com destaque para o ambiente universitário. No quarto capítulo, foram apresentados os grupos e discursos levantados com a pesquisa de campo, métodos e técnicas utilizadas. Por último, foi apresentada a conclusão onde foram discutidos analiticamente os resultados encontrados.

Diante disso, espera-se, ao final da pesquisa, que seja registrada uma espécie de radiografia de um momento histórico específico entre indivíduos que professam a fé cristã nos átrios da Universidade Federal de Sergipe na tentativa de compreender sua experiência com o ambiente acadêmico e, desse modo, estabelecer bases para maiores aprofundamentos em estudos futuros, uma vez que o estado da arte não demonstrou numerosas produções com a especificidade do objeto, voltando-se em sua maioria, para estudos sobre a religiosidade em universitários.

2 PANORAMA HISTÓRICO DO SURGIMENTO DAS PRIMEIRAS UNIVERSIDADES

Sem pretensões exaustivas, neste capítulo foi realizada uma exposição panorâmica sobre a origem das universidades a partir da influência da Igreja Católica e do seu pensamento educacional. Situando do macro para o micro: das primeiras instituições surgidas no mundo culminando na Universidade Federal de Sergipe.

2.1 ORIGEM DAS UNIVERSIDADES – IDADE MEDIEVAL

Segundo Charle e Verger (1996) a primeira ideia de Universidade como se conhece atualmente se deu no século XIII na Europa Ocidental diferente do contexto associado na contemporaneidade. Antes disso, desenvolveu-se na Grécia as academias de filósofos (Platão 428-347 a.C e Aristóteles 384-322 a.C) servindo de inspiração aos modelos sucessores. Com a ascensão dos mosteiros medievais, surgiram as primeiras escolas monásticas no século IX com a finalidade de promover a formação dos monges da época. No século XI, surgiram as escolas episcopais – conduzidas pelos bispos. E, ainda segundo os autores, em determinados centros surgiram às escolas particulares - formavam, em sua maioria, mestres clérigos e administradores letrados a serviço da corte.

O ensino apresentado nas instituições da época envolvia basicamente o estudo das artes preparatórias, ou artes liberais; o *Trivium*: gramática, retórica e lógica; e do *Quadrivium*: aritmética, geometria, música e astronomia. Estas eram faculdades preparatórias inerentes a todos os alunos, seja qual fosse a área que desejasse seguir. As primeiras formações existentes eram: direito, medicina e ciência sagrada, atualmente intitulada como teologia.

Além disso, segundo Thomas E., Woods Jr., (2008), existiam dificuldades tais quais: a inexistência de bibliotecas e prédios próprios, de tradução de escritos e de reprodução de livros, ausência de conselho diretor, publicações de anuários, atividades extracurriculares, dentre outros, o que gerava questionamentos acerca do ensino e formação ofertada.

Com o crescimento do comércio, expansão das cidades e a necessidade de indivíduos aptos a administrarem os novos cargos e funções que surgiam tanto no

clero quanto nos poderes monárquicos, houve a necessidade de renovação dos saberes visando atender estas demandas, (CHARLE E VERGER, 1996, p. 15). Tais especificidades direcionavam os estudantes a desenvolver-se em determinadas áreas a fim de preencher estes espaços.

Segundo Charles (2015, p. 25) “historicamente, a palavra universidade não tem nenhuma ligação com o universo ou a universalidade da educação; indica apenas a totalidade de um grupo (...)”. Nesse passo, em Bolonha, com prestígio das escolas de Direito, agrupamento dos estudantes e o aval do Papa em 1230, surge uma das primeiras universidades. Já em Paris, conhecida pelo desenvolvimento das artes liberais, não houve oposição do rei, apesar da resistência inicial do bispo e do chanceler, sendo outorgados de maneira solene em 1231 os estatutos aprovados em 1215. No caso da universidade de Oxford, em 1214, foram-lhe outorgados os privilégios pontificais e ratificados pelo rei, de forma bastante autônoma. Em Montpellier, conhecida pelo desenvolvimento das escolas de medicina, transformadas em 1220 em universidades através do legado pontifical, como em Bolonha, teve a aprovação de tais estatutos com a introdução da *licentia docendi*, (CHARLE E VERGER, 1996, p. 16-18).

De acordo com o historiador Lowrie Daly (2008, p. 46), a Igreja era “a única instituição na Europa que manifestava um interesse consistente pela preservação e cultivo do saber”. Obviamente que a história apresenta versões que se opõem a esta afirmação, onde nem sempre a Igreja se mostrou totalmente aberta a todo o conhecimento. A introdução da filosofia natural nas grades de ensino é um exemplo que segundo David C. Lindberg *apud* Peter Harrison (2014, p. 50) “em 1210, um concílio de bispos reunidos em Paris proibiu a introdução à filosofia natural de Aristóteles, por conta de supostas tendências panteístas”.

Outro típico exemplo utilizado na maioria das ilustrações sobre a relação da Igreja x Ciência é o do matemático, físico, astrônomo e filósofo italiano Galileu Galilei (1564-1642) que acabou por negar suas teorias perante a Inquisição por ir de encontro ao conhecimento científico da época, também defendido pela igreja. Ocorre que esta incompatibilidade não era tão unidimensional quanto se propagou, segundo John Henry *apud* Peter Harrison (2014, p. 60) “afinal, Galileu havia recebido a permissão do Papa Urbano VIII (1568-1644) para escrever sua obra *Diálogo sobre os dois principais Sistemas de Mundo* (1632)”. E o mesmo autor complementa, “o principal assunto no julgamento não foi o fato de que Galileu defendera a teoria de

Copérnico, mas que ele o havia feito depois de ter sido ordenado, de acordo com a decisão anterior do Papa Paulo V (1550-1621), de não concordar com ela, não defende-la ou ensiná-la”.

Apesar das tensões existentes, a Igreja teve papel fundamental no processo de surgimento das universidades. Seja pelo benefício do clero¹⁵, que assegurava especial proteção à classe estudantil marginalizada por parte da sociedade à época, seja na permissão do uso de cátedras onde as aulas eram ministradas ou mesmo pelos inúmeros registros de interferências papais para um progresso significativo das universidades. Além disso, dirimiu a diferença entre ricos e pobres, através das bolsas de estudo e prebendas¹⁶. O benefício *privilegium paupertatis* ou privilégio da pobreza que concedia a isenção de taxas, foi uma medida consciente das universidades para com os pobres, a fim de promover, sem discriminação, as capacidades intelectuais e o desejo de saber, quer se tratasse de clérigos ou de seculares. Explica-se assim, o acesso de leigos às cátedras de teologia (ULLMANN, 2000, p. 433).

Por conseguinte, a vida acadêmica se assemelhava a que se tem nas universidades hodiernamente. A distinção de graduação e pós-graduação e o reconhecimento de uma universidade por especialização em determinada área são alguns destes traços. Os estudos desta época não eram dirigidos somente à teologia, mas sim para vários campos da filosofia natural, comprovando que a filosofia sempre esteve de braços dados com a teologia, do mesmo modo como também se discutia que fé e razão não eram antagônicas, mas conciliáveis – método escolástico¹⁷, entre os quais se destacam como precursores: Santo Anselmo de Cantuária (1033-1109), Pedro Abelardo (1079-1142), Pedro Lombardo (1100-1160) e Santo Tomás de Aquino (1225-1274).

¹⁵ Segundo Woods Jr., Thomas E., “os clérigos gozavam na Europa medieval de um estatuto especial: maltratá-los era um crime extraordinariamente grave; tinham o direito de que as suas causas fossem julgadas por um tribunal eclesiástico, e não pelo civil. Os estudantes universitários, como atuais ou potenciais candidatos ao estado clerical, passaram também a gozar desses privilégios. Os governantes civis também lhes estenderam muitas vezes uma proteção similar (...)” (Woods Jr., Thomas E. **Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental**; tradução de Élcio Carillo; revisão de Emérico da Gama – São Paulo: Quadrante, 2008, pág. 49)

¹⁶ Do latim clássico *præbere* 'apresentar, oferecer, fornecer', de *præ* 'antes' e 'habere' "ter") designa stricto sensu uma renda ligada a um canonicato (dignidade atribuída a um cônego), e que representa seu benefício eclesiástico. Acessado <https://educalingo.com/pt/dic-pt/prebenda> em 14 jun 2018.

¹⁷ *Idem*, **Como a Igreja Católica construiu a civilização Ocidental**, 2008, pág. 55.

Outra contribuição relevante deste período deu-se através dos copistas, uma vez que não havia tipografia e todos os livros necessários ao estudo eram copiados de modo a facilitar o estudo. Destaca-se ainda a promoção do intercâmbio cultural, promovido pelo latim, língua única para os meios de comunicação de ideias à época. Os exímios mestres eram pleiteados por diversas universidades: “A *universitas* medieval tinha as portas abertas a todas as culturas: grega, romana, árabe e judaica, tornando-se depositária e reelaboradora do pensamento por elas legado” (ULLMANN, 2000, p. 429).

Essas características marcaram a vida intelectual das primeiras universidades que eram tidas como verdadeiros tesouros da civilização cristã. Tanto que o papa Inocêncio IV (1243-1254) afirmou que as universidades eram como “rios de ciência cuja água fertiliza o solo da Igreja universal”, e o papa Alexandre IV (1254-1261) chamou-as “lâmpadas que iluminam a casa de Deus” (WOODS, 2008, p. 61). É inegável que em razão do apoio da Igreja as universidades difundiram-se e tiveram êxito.

Nessa perspectiva, a afirmação de que a Idade Média em nada contribuiu para a civilização parece-nos frágil se considerarmos a herança da criação de um sistema universitário que serviu de espelho para todo o Ocidente até os dias atuais.

A criação da Universidade, a ênfase da razão na argumentação racional e o abrangente espírito de pesquisa foram contribuições essenciais da Idade Média ao mundo moderno, mesmo que renegado por este. “Foi um dom da civilização cujo centro era a Igreja Católica” (WOODS, 2008, p. 62).

Vê-se que a “Idade das trevas”, como ficou conhecida a Idade Média por alguns, lançou as bases do anseio pelo saber racional, ao tempo em que deixou um valiosíssimo legado para toda a humanidade que sempre poderá fazer uso deste. Se a Idade Medieval não iluminou, sem dúvidas, acendeu as primeiras lâmpadas para o conhecimento moderno.

2.2 DA BUSCA DA VERDADE À BUSCA PELA TÉCNICA – UNIVERSIDADE MODERNA

O fim do período escolástico, os questionamentos quanto ao Poder do Santo Ofício, o Humanismo no século XIV, o Grande Cisma (1054), a Revolução Francesa e o elevado número de universidades criadas trouxeram questionamentos quanto ao

conhecimento produzido e revelaram a necessidade de pensar novas formas estruturais para o sistema universitário.

O Renascimento do século XIV foi campo fecundo para a disseminação de críticas ao ensino ofertado em vistas do progresso em todos os campos do conhecimento. O pensamento educacional deslocava-se para outro eixo, “contudo, é característico da época moderna o surgimento de verdadeiras escolas profissionais” (CHARLE e VERGER, 1996, p.66), a formação intelectual não era suficiente para conceder todas as competências úteis, logo, espalhavam-se na Europa as escolas especiais ou colégios profissionais com esta incumbência.

Conforme Charle e Verger (1996) duas foram as principais ondas de reformas universitárias, a do século XVII e a do século XVIII, adiante descritas. O financiamento dos Estados para a construção dos prédios universitários e admitindo cada vez mais a responsabilidade do pagamento dos salários dos regentes trouxe a importante missão de renovação intelectual das universidades dotadas de ensinamentos ultrapassados.

A universidade moderna constituiu-se no trilha das grandes revoluções europeias dos séculos XVIII e XIX.

Do derruimento das tradicionais sociedades agrárias em diversos países emerge uma ordem urbana e industrial e novos personagens intelectuais: engenheiros, contadores, cientistas e uma legião de burocratas laicos. A moderna universidade é contemporânea dos processos de secularização da cultura e de construção dos Estados nacionais. Em alguns países da Europa o ensino superior foi a principal instituição de formação das elites políticas; em outros, sua trajetória se associou precocemente à pesquisa científica e tecnológica. (YAZBECK, 1999, p. 172)

Sobre tais bases é que se dará a primeira renovação (1780-1860), de acordo com cada modelo nacional, em que o ensino universitário acaba por dotar-se de novas funções revelando-se a necessidade de alinhar ciência e profissão. Como salientou Saviani (2009, p. 143), “[...] a questão da formação de professores exigiu uma resposta institucional apenas no século XIX, quando, após a Revolução Francesa, foi colocado o problema da instrução popular”. A segunda transformação (1860-1940), um verdadeiro aprofundamento da expansão e profissionalização do ensino superior, marcou completamente os sistemas universitários anteriores e

revelou o papel social desta instituição no mundo. Sobre essa questão, a pesquisadora em história da educação Leonor Maria Tanuri destaca que:

O estabelecimento das escolas destinadas ao preparo específico dos professores para o exercício de suas funções está ligado à institucionalização da instrução pública no mundo moderno, ou seja, à implementação das ideias liberais de secularização e extensão do ensino primário a todas as camadas da população (TANURI, 2000, p. 62).

Ainda na segunda metade do século XIX, por volta de 1860, a Segunda Revolução Industrial foi outro fenômeno crucial para a nova construção do ensino universitário. Os inovadores mecanismos de produção cobravam do campo científico outras competências ao passo que se estabeleciam as exigências do capital. A despeito disso, Singer *apud* Silva e Gasparin, faz as seguintes considerações:

A partir da Revolução Industrial, num país após o outro, o capitalismo passa a dominar a economia de mercado e esta passa a abarcar a maior parte das atividades econômicas. A ofensiva capitalista tem como motor o desenvolvimento das forças produtivas [...] mediante o progresso das ciências físicas e a sistemática aplicação dos seus resultados na atividade produtiva. A pesquisa científica é realizada em escala crescente, em universidades e instituições públicas e privadas, contando com amplo financiamento, proveniente, em parte, do orçamento governamental e, em parte, de doações privadas, estas últimas em geral estimuladas por generosas isenções fiscais. [...] o ensino científico foi transformado em função das necessidades do novo modo de produção. [...] O extraordinário desenvolvimento das forças produtivas alcançado pelo capitalismo industrial resulta tanto do fomento da atividade científica como da estreita interligação dos laboratórios com as fábricas, estas recebendo, com rapidez, os resultados das pesquisas e os aplicando à produção[...] (SINGER, 1983; p.20-21 *apud* SILVA E GASPARIN 2005, p.10).

Este período traz uma valorização à formação, sobretudo, das escolas técnicas que prontamente formavam força de trabalho especializada. O diploma era almejado como forma de inserção no mercado. É, sem dúvida, uma transformação que trouxe à educação uma nova dinâmica de funcionamento.

O ensino dessa época adquiriu um novo *ethos*, não como potencialidade do ser humano, aqui era fundamental torná-lo apto ao trabalho; não sem resistência de humanistas, movimento intelectual que colocou o homem como centro do mundo e revaloriza a tradição antiga a partir da profusão de estudos filológicos na Europa.

Defrontamo-nos aqui com o Estado Moderno, dotado de muitas promessas iluministas e posto à frente de um novo paradigma que refletiria em todos os setores da sociedade. O processo educacional precisou acompanhar essas mudanças - o ensino técnico-científico. A partir disso, reflete-se a educação para a modernidade, equipada por um lado, mas carente da razão que coloca no indivíduo o dever de contrapor o seu tempo.

Em tempos mais recentes, nos anos de 1998, ao tratar dos novos arranjos que compõem o ensino universitário, Roger Kimball em sua obra “Radicais nas universidades: como a política corrompeu o ensino superior nos Estados Unidos da América”, tece uma crítica com relação à penetração de intentos políticos introjetados no ensino superior:

Agora, mais do que nunca, aqueles que dominam a discussão na academia estão empenhados em tirar o crédito dos ideais de objetividade e pesquisa desinteressada, injetando política no cerne do empreendimento educacional. (KIMBALL, 2009, p. 10).

O mesmo autor, que chama esses indivíduos de radicais, também faz um comparativo da atuação desses sujeitos enquanto atores políticos dos anos 1960 e que hoje ocupam os postos de ensino e gestão das universidades, difundindo suas ideias internalizadas através do romantismo de suas lutas emancipacionistas; porém revestidos do conforto que a barricada daquela época não lhes permitiu alcançar – bons salários, ambiente de trabalho agradável e um emprego estável.

Esse fenômeno não era tão recente a nível global. Segundo Allan David Bloom já havia ocorrido na década de 1930 na Alemanha e com fortes aproximações e similaridade de razões, segundo relatou:

A universidade americana, na década de 60, estava passando pelo mesmo dismantelamento da estrutura do ensino racional que a universidade alemã experimentara na década de 30. Não acreditando mais na sua vocação superior, ambas transigiram com uma turba de alunos altamente ideologizados. Aliás, o conteúdo da ideologia era o mesmo: o engajamento em valores políticos. (BLOOM, 1989, p. 306).

Ante as evidências acima apontadas, percebe-se que a década de 1960 foi paradigmática para o ensino superior no plano geral. Há quem defenda que tenha

sido um período de libertação e maior abertura para as massas, mas há quem diga exatamente o contrário, sobretudo, pelas profundas mudanças no ensino.

Sobre a década de 60 tornou-se moda dizer que, apesar dos excessos, muita coisa resultou de bom. No que diz respeito às universidades, porém, não sei de nada de positivo que tenha advindo daí: foi, para elas, um desastre completo. (BLOOM, 1989, p. 314).

Desde esta época, o panorama do ambiente universitário não parece ter sofrido profundas transformações. Os resquícios que repousam no ensino universitário hodierno estimulado por um conformismo generalizado e uma acriticidade sentida em boa parte do coletivo acadêmico, a militância política e o fortalecimento de ideologias continuam tão fortes e presentes quanto em outras épocas. Ainda assim, a responsabilidade filosófica continua sob a égide da universidade, missão que só o futuro dirá como fora exercida.

2.3 O ADVENTO DA UNIVERSIDADE NO BRASIL

No Brasil, criada fora dos domínios religiosos, à inserção das Universidades se constitui exceção, “diferentemente da Espanha, que instalou universidades em suas colônias americanas já no século XVI, Portugal não só desincentivou como também proibiu que tais instituições fossem criadas no Brasil” (CUNHA, 2011, p. 152). Por óbvio, tratava-se de relação de dependência entre Metrópole e Colônia.

Não havia na Colônia ensino superior universitário, a não ser para o clero regular ou secular [...] para os que não se destinavam ao sacerdócio, mas a outras carreiras, abria-se, nesse ponto de bifurcação, o único, longo e penoso caminho que levava às universidades ultramarinas, à de Coimbra [...] e à de Montpelier [...]. (AZEVEDO, 1971, p. 532).

Há, em verdade, grande discussão entre autores a respeito destas escolas jesuítas, se já não atuavam como instituições equivalentes às Universidades, inclusive, priorizando as elites.

Segundo Cunha (2011), os jesuítas fundaram, ao todo, 17 colégios no Brasil, ofertando o ensino das primeiras letras e o ensino secundário, em alguns, era acrescentado o ensino superior em Artes e Teologia. Todavia, percebe-se com as

restrições impostas à época, o temor de Portugal em despertar no intelectual colono movimentos de independência.

Os protestantes, quando aqui chegaram durante o século XIX, enxergando a pouca instrução da população neste período, sobretudo, pelo modo de vida rural e pouca oferta de ensino nessas regiões perceberam a necessidade de incentivar a educação como ferramenta auxiliar da conversão, Mendonça (2008, p. 144) assevera que "para atender a tal necessidade, os missionários colocaram ao lado de cada comunidade uma escola", embora fosse à época uma experiência com limitações.

Com a abertura dos portos e a transmigração da família real para o Brasil, surge à necessidade de repensar o ensino aqui desenvolvido nas cátedras e colégios coloniais para a formação de profissionais que atendessem às novas demandas, advindo daí a criação de alguns cursos – Medicina, na Bahia e Rio de Janeiro (1808), Direito em Olinda e São Paulo (1827) e Engenharia no Rio de Janeiro (1874) (CUNHA, 2011, pág. 154), ainda sem o *status* universitário, embora em todo este período (1822 a 1889) houve várias tentativas com esta finalidade.

Assim é que nascem, já na República, as primeiras Universidades, conforme Cunha (2011, p. 161,162-163) em Manaus (1909), São Paulo (1911), Curitiba (1912), Rio de Janeiro (1920) e Minas Gerais (1927). Apesar de tardias, se comparadas às europeias, percebe-se aqui o processo de secularização com evidente separação entre Igreja e Estado e ainda uma desoficialização e liberdade de ensino, inspirada nos ideais positivistas.

Novamente, nesse mesmo período, os protestantes também contribuíram de forma exímia e inovadora para a educação brasileira, inicialmente com as escolas protestantes, muitas delas construídas ao lado de suas igrejas, mas com métodos próprios, conforme destaca Mendonça:

(...) o magistério feminino (...) o sistema de cantarolar as sílabas e a tabuada em coro foi substituído pelo método americano, intuitivo e silencioso, sem a excessiva memorização (...) introdução de várias novidades no ensino elementar, como regras da arte literária, ciências, recitação de poesias em português, francês e inglês, execuções musicais, canto ao piano, exercícios calistênicos, etc. (...) ensino da Bíblia (...) havia cânticos de hinos sagrados durante a aula". (MENDONÇA, 2008, p. 150-151 *apud* COSTA, 2018, p.06)

Tal modelo contribuiu de forma direta para espelhar a educação pública, como no exemplo de São Paulo, nos primeiros anos da república, ante o prestígio e êxito alcançado pelos colégios protestantes, segundo RAMALHO *apud* VIEIRA *apud* COSTA:

É inegável a contribuição dos colégios protestantes à educação pública paulista na renovação dos métodos pedagógicos, em detrimento da pedagogia essencialmente mnemônica e "monótona" das escolas públicas: na introdução da co-educação, contra a tradição católica de separação rigorosa de sexos; na dignidade na educação do sexo feminino, contra o preconceito à sua formação; na inovação curricular, com ênfase ao aspecto científico, contra um currículo essencialmente clássico, no qual as ciências físicas e naturais eram apresentadas quase sem o uso de laboratórios e experimentação; no princípio de liberdade de religião nas escolas e contra a obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas públicas e no espírito de compreensão, ou mesmo de ternura, que permeava as relações entre professor-aluno, contra o autoritarismo baseado no princípio do *magister dixit*. (RAMALHO 1976 *apud* VIEIRA, 2002, p.13 *apud* COSTA, 2018, p. 06)

Os presbiterianos são alguns dos exemplos de intelectuais protestantes que se comprometeram com a educação brasileira e lhes deixou valiosas contribuições, alguns dos quais merecem destaque:

Lívio Teixeira - foi o primeiro, no Brasil, a apontar a História da Filosofia como uma das mais importantes vertentes do estudo das Humanidades, plasmando a visão de muitos de seus alunos com a mesma percepção científica, além de dar o tom metodológico ao Departamento de Filosofia uspiano referente a esse campo de estudo, o que não é pouco. (LIMA, 2008, p. 154 *apud* COSTA, 2018, p. 13)

Theodoro Henrique Maurer Junior - foi ele o responsável pela instalação do curso de Linguística na Universidade de São Paulo (...) (LIMA, 2008, p. 159 *apud* COSTA, 2018, p. 13)

Isaac Nicolau Salum - O lance mais importante para sua carreira, porém, foi quando Maurer o convidou para que fosse seu assistente na cadeira de Filologia Românica na USP, no ano de 1947. (LIMA, 2008, p. 162 *apud* COSTA, 2018, p. 13)

Igualmente, a aproximação entre protestantes e a academia, não se deu exclusivamente com os presbiterianos. Os metodistas tinham também um projeto educacional que segundo Peri Mesquida:

Utilizaram três instrumentos de intervenção pedagógica: as escolas paroquiais; as escolas dominicais; e os colégios. As primeiras alcançavam os grupos médios e periféricos da sociedade; as segundas dedicavam-se à instrução religiosa nas igrejas; os terceiros alcançavam as elites. (MESQUIDA, 1994, p. 138-139).

A Igreja Católica também desenvolveu seus projetos educacionais à despeito da Pontifícia Universidade Católica (PUC). A PUC de São Paulo¹⁸ foi fundada em 1946 a partir da união da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento (fundada em 1908) e da Faculdade Paulista de Direito e, posteriormente, foram fundadas algumas outras em outros estados brasileiros. Além delas, escolas e faculdades Diocesanas, Franciscanas, Maristas, Camilianas, Salesianas, Ursulinas e Jesuíticas são exemplos da ação educacional católica.

Esse quadro tomará novas proporções a partir da Revolução de 1930, que levou Getúlio Vargas ao poder, a sociedade desta época progressivamente industrializava-se e expandiam-se os núcleos urbanos, o que tornava premente novas exigências em relação à educação. Neste cenário, destaca-se “a promulgação do Decreto 19.851, em 11 de abril de 1931 (...) foi o desdobramento no campo do ensino superior da centralização político-administrativa iniciada com a criação do Ministério da Educação”. (CUNHA, 2011, p. 165).

O período posterior, pós-deposição do presidente Getúlio Vargas e fim do Estado Novo, trouxe a necessidade de repensar novos parâmetros sociais para a redemocratização do país e, conseqüentemente, do desenvolvimento, modernização e autonomia do ensino. Segundo Cunha (2011) a criação do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA) em 1947 marca um grande avanço no ensino superior, sobretudo, em razão da ausência de cátedras vitalícias, organização departamental, pós-graduação, regime de dedicação exclusiva dos docentes ao ensino e a pesquisa e currículo flexível.

Ainda conforme Cunha (2011), outras criações da época deram ênfase a este processo, tais quais: Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (1948), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – (Fapesp) (1950), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – (CNPq) e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – (CAPES -1951).

¹⁸ Disponível em <https://www.pucsp.br/universidade/historia> Acesso em 02 fev. 2020.

O período seguinte (1960 a 1980) foi de íntegra expansão, favorecido pela primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1961, que garantiu a existência do ensino superior privado, regulamentando a sua ampliação (SAMPAIO, 2000, p. 55). Destaca Fávero:

O movimento pela modernização do ensino superior no Brasil, embora se faça sentir a partir de então, vai atingir seu ápice com a criação da Universidade de Brasília (UnB). Instituída por meio da Lei nº 3.998, de 15 de dezembro de 1961, a UnB surge não apenas como a mais moderna universidade do país naquele período, mas como um divisor de águas na história das instituições universitárias, quer por suas finalidades, quer por sua organização institucional, como o foram a USP e a UDF nos anos 30. (FÁVERO, 2006, p.29)

Esse período, também revela a busca do brasileiro por sua própria autenticidade, esse desejo também inspirava os movimentos estudantis e a classe de intelectuais na tentativa do desprendimento das raízes do passado e na busca de um vigor próprio. José Antônio Tobias, pesquisador da educação brasileira, destaca que:

Tudo, na educação brasileira, de 1960 em diante, está encharcado da vontade de ser autêntico e de ser cada vez mais brasileiro. A política educacional, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as numerosas reformas do ensino, a importância nunca vista assumida pelo governo federal e os ideais da Revolução de 1964, testemunham a ânsia de se atingir e de realizar o Brasil e o brasileiro através de si mesmos, antes de mais nada. (TOBIAS, 1986, p. 312)

Com a aderência do movimento estudantil, através da União Nacional dos Estudantes (UNE), a reforma universitária dos anos 60 e 70 tomaria forma, tendo por objetivo combater o caráter arcaico e elitista das instituições universitárias. Segundo Fávero, as questões relevantes eram:

a) autonomia universitária; b) participação dos corpos docente e discente na administração universitária, através de critério de proporcionalidade representativa; c) adoção do regime de trabalho em tempo integral para docentes; d) ampliação da oferta de vagas nas escolas públicas; e) flexibilidade na organização de currículos (FÁVERO, 2006, p. 29).

Em 1965, com a aprovação da Lei 4.881 que definiu o Estatuto do Magistério Superior Federal e o parecer 977 que regulava os cursos de pós-graduação previstos na LDB, figuravam-se importantes avanços para a educação, conforme Cunha:

1) formar professores competentes que pudessem atender à expansão quantitativa do ensino superior, garantindo, ao mesmo tempo, a elevação dos níveis de qualidade; 2) estimular o desenvolvimento da pesquisa científica por meio da formação adequada de pesquisadores; 3) assegurar a formação de quadros intelectuais do mais alto padrão para fazer frente às necessidades do desenvolvimento nacional em todos os setores. (CUNHA, 2011, p. 185)

A Lei 5.540/68 que fixa as normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média destaca a indissociabilidade entre ensino e pesquisa, afirmando o papel do professor também enquanto pesquisador.

O período militar foi responsável por uma ampla reformulação universitária, baseada no modelo norte-americano. Apesar disso, a relação entre governo e comunidade científica nem sempre era das melhores conforme destacou Francisco Vidal Luna e Herbert S. Klein (2014, p. 73) “muitos cientistas foram perseguidos, aposentados compulsoriamente e exilados”.

Todos os marcos da Reforma Universitária de 1968, período de intensa expansão do ensino superior no Brasil e também de marcantes transformações sociais, não impediram que novos movimentos surgissem nos anos 80 e 90. Segundo Saviani:

Os anos de 1980 inauguram-se com a existência da Associação Nacional de Educação (ANDE), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED) e Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), surgidos, respectivamente, em 1979, 1977 e 1978. (SAVIANI, 2010, p. 403)

O mesmo autor faz sobre a década de 1980 a seguinte síntese:

O processo de abertura democrática; a ascensão às prefeituras e aos governos estaduais de candidatos pertencentes a partidos de oposição ao governo militar; a campanha reivindicando eleições diretas para presidente da República; a transição para um governo civil em nível federal; a organização e mobilização dos educadores; as conferências brasileiras de educação; a produção científica crítica

desenvolvida nos programas e pós-graduação em educação; o incremento da circulação de ideias pedagógicas propiciado pela criação de novos veículos. Eis aí um conjunto de fatores que marcaram a década de 1980 como um momento privilegiado para a emergência de propostas pedagógicas contra-hegemônicas. (SAVIANI, 2010, p. 413)

Como processo contínuo, os anos 1990 empreenderam intensas atividades de reformas no âmbito educacional, agrupadas por Cunha (2011): emenda à Constituição editando uma nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e outras leis e decretos regulamentadoras; caracterização detalhada das universidades na nova LDB; avaliação institucional das universidades pelo MEC; exame nacional de cursos a partir do desempenho dos estudantes; exame de conclusão de curso a estudantes; exame nacional do ensino médio.

Todas estas mudanças direcionaram o ambiente acadêmico e o ensino a novos paradigmas, inclusive, em virtude das novas tecnologias e políticas de inclusão social. Embora a formação possuísse caráter essencialmente profissional, passou por uma flexibilização, atentando-se também para a produção científica e o caráter comunitário ou extensionista.

Dessa forma, a conjuntura com a qual se deu a instalação e desenvolvimento da Universidade no Brasil, resistida por muito tempo, apesar de laica e secularizada, não dispensou a necessidade de reformas e acompanhamento às necessidades econômicas e sociais ante o atraso cultural provocado pelo período da colonização.

Com a Constituição Federal de 1988, que coloca o direito à educação em destaque como um direito fundamental de natureza social, percebe-se a educação não apenas como direito, mas como um elemento constitutivo do ser. A concessão permitida pelo Estado para abertura de diversas Universidades privadas também contribuiu para o avanço do ensino superior no Brasil, o censo do IBGE revelou que o percentual de brasileiros com nível superior completo passou de 4,4%, em 2000, para 7,9% em 2010¹⁹.

Apesar do sucinto apanhado histórico, a Universidade brasileira continua perpassando por diversas mudanças e contestações. O ambiente universitário contemporâneo se revela bem distinto ao de outros tempos. Tobias (1986, p. 326) indagou que “se o estudante não sabe qual a finalidade da Universidade, como

¹⁹ Disponível em <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/17725-numero-de-brasileiros-com-graduacao-cresce-10983-em-10-anos> Acesso em 15 jan. 2020.

provar, para si e para os outros, que a finalidade do universitário não é política para derrubar o governo e a sociedade?”. A razão de ser da própria Instituição de Ensino Superior, por vezes, parece perder o rumo.

A Universidade Pública tornou-se, assim, um ambiente também político e de disputas, especialmente pela presença expressiva de movimentos de esquerda. A intuição do espírito crítico que deveria nortear alunos e professores na busca da verdade em sua totalidade assume uma posição paralela. As ideologias construídas dificultam o livre diálogo com a ciência e assumem uma posição combativa a outras cosmovisões, como experimentam os cristãos segundo a conjectura deste estudo.

2.4 O PROCESSO DE ESTRUTURAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE (UFS)

Com a Reforma Universitária de 1968, também conhecida como Reforma Universitária da Ditadura Militar, diversos dispositivos da legislação vigente à época bem como a estruturação do ensino superior no Brasil sofreram significativas mudanças.

Entre as medidas, aboliu-se o sistema de cátedra por departamentos e centros e adotou-se o modelo americano de *campus* universitário, nos moldes que hoje se conhece. Houve um incentivo enfático à criação de programas de pós-graduação e também à pesquisa, além da contratação de professores em regime de tempo integral.

Conforme mencionou Silvana Aparecida Bretas, pesquisadora e professora do departamento de educação da UFS, Bretas (2014, p. 123) "vale considerar que o período militar foi marcado pelo primeiro surto expansionista do ensino superior no Brasil". As Universidades detinham importante papel na formação das elites intelectuais e políticas do país, assim, havia uma preocupação por parte do governo com o que estava sendo pensado e articulado por esse coletivo.

Apesar das tensões políticas e ideológicas que também repousavam o espírito universitário, a atenção com um país que nascia industrialmente foi abraçada pela reforma universitária que através de uma formação tecnicista buscava atender às necessidades de desenvolvimento social.

Nos últimos anos da ditadura, apesar dos empreendimentos do Estado autoritário, as Universidades estavam permeadas com os ideais marxistas e,

contraditoriamente, fomentou o aumento do movimento crítico composto por estudantes e professores que se opunham ao sistema, muitos dos quais participaram efetivamente do restabelecimento do regime democrático.

Instituída pelo Decreto-Lei nº 269 de 28 de fevereiro de 1967, pelo então Presidente da República Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco sob a forma de Fundação, estabelecida em 15 de maio de 1968, já no governo do Presidente Costa e Silva (SOUZA, 2015, p. 17), a Universidade Federal de Sergipe (UFS) reunia as diversas faculdades e institutos superiores espalhados por Aracaju, Faculdade de Ciências Econômicas e da Escola de Química (1948), seguida da Faculdade de Direito e Faculdade Católica de Filosofia (1950), Escola de Serviço Social (1954) e Faculdade de Ciências Médicas (1961). Posteriormente transferida para a cidade de São Cristóvão, situada na região metropolitana de Aracaju, criada a Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos (1980), oferecendo uma estrutura que lhe assegurava o respectivo título.

As demandas da educação pública sergipana, em linhas gerais, não diferiam da realidade nacional. Diz respeito ao sonho de efetivação de uma Universidade Pública Federal, sem que o ensino básico estivesse devidamente atendido, sem um corpo docente satisfatoriamente estruturado e, ainda, uma oferta de ensino não universal que privilegiava os interesses de seletos grupos sociais que não mais se conformavam em enviar seus filhos para outros estados a fim de complementar seus estudos.

Souza (2015) ainda menciona que os anos que antecederam a sua fundação foram importantes para a elaboração do anteprojeto de lei da Universidade Federal de Sergipe, que tomou por base os moldes da Universidade do Maranhão, e recebeu apoio do movimento estudantil das faculdades isoladas e de figuras importantes da época, como Dom Luciano Cabral Duarte²⁰ – líder do movimento de elaboração do anteprojeto - redigido pelo Conselho Estadual de Educação e que fora unido ao projeto do Conselho de Desenvolvimento de Sergipe – (CONDE), aprovado pelo Conselho Federal de Educação em 1966.

²⁰ Dom Luciano José Cabral Duarte (Aracaju, 21 de janeiro de 1925 - 29 de maio de 2018) foi um religioso católico brasileiro, arcebispo emérito de Aracaju. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luciano_Jos%C3%A9_Cabral_Duarte. Acesso em: 17 jun. 2019.

Outras personalidades também se destacaram na contribuição do processo de efetivação da Universidade Federal em terras sergipanas, tais como menciona Bretas:

Professor Cabral Machado; advogado Moreira Filho; o então Secretário de Educação, Luís Rabelo Leite; e, ainda, pelos primeiros membros do Conselho Estadual de Educação, composto por José Rollemberg Leite, Lauro Ferreira do Nascimento, José Carlos de Souza, Manuel Francisco Freire, José Silvério Leite Fontes, Neide Albuquerque Mesquita, Dalita Côrtes Rollemberg, Ofenísia Soares Freire e Acrísio Cruz. São dignos de registro também os nomes dos diretores das cinco faculdades que inicialmente se congregaram: João Gama, Faculdade de Química, Wilson Barbosa de Melo, Faculdade de Ciências Econômicas; Elza Luz, Faculdade de Serviço Social; Luciano Cabral Duarte, Faculdade de Filosofia, e Antonio Garcia Filho, Faculdade de Medicina. (BRETAS, 2014, p. 21)

Do período (1950-1968) destaca-se o sergipano Dom Luciano José Cabral Duarte, importante figura para a trajetória da educação em Sergipe, especificamente do ensino superior, que apesar de integrante de uma instituição religiosa foi um incentivador incansável na solidificação do ensino superior sergipano.

O início da trajetória religiosa de Dom Luciano é relatado pela pesquisadora da educação sergipana Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima:

(...) desde a tenra idade, demonstrava afeição pelas questões da Igreja e, em 11 de fevereiro de 1936, decidiu, com apenas onze anos de idade, ingressar no Seminário Menor Sagrado Coração de Jesus pertencente à Diocese de Aracaju, em regime de internato, onde estudou durante seis anos, alcançando o primeiro lugar da turma. (LIMA, 2009, p. 8)

Mas a sua vocação não era apenas religiosa, segundo menciona a mesma autora, Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima:

Luciano Duarte bacharelou-se em Teologia pela Faculdade Teológica Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, em 1954 e neste mesmo ano continuou seus estudos em Paris, onde cursou Filosofia até 1957 no *Institut Catholique* de Paris, além de ter recebido dois certificados de estudos (um em Psicologia e outro em Moral e Sociologia) obtidos na Faculdade de Letras da Universidade de Paris (Sorbonne), onde também recebeu o título de Doutor e a mais alta menção honrosa "*Três Honorable*". (LIMA, 2009, p.10):

Sobre a participação ativa da igreja católica na construção da educação sergipana, destaca Lima (2009) *apud* Sousa (2006):

Ressalta a grande importância do Seminário Sagrado Coração de Jesus e outros colégios católicos como precursores da Faculdade Católica de Filosofia e, uma vez que muitos dos sacerdotes saídos do Seminário prestaram exames de suficiência (de acordo com o Decreto 8.777 de 22/01/1946) nesta instituição, receberam autorização do Ministério da Educação para se tornarem professores. (LIMA, 2009, p. 30 *apud* SOUSA, 2006, p.44).

O projeto educacional da igreja católica não se limitou ao ensino primário, nos idos dos anos 50 do século XX foram criadas a Faculdade Católica de Filosofia, primeira instituição de ensino superior voltada para a formação de professores coordenada por Dom Luciano José Cabral Duarte, e a Faculdade de Serviço Social²¹ dirigida pela Madre Albertina Brasil Santos, que anos mais tarde foram agrupadas com outras faculdades isoladas e reunidas na Universidade Federal de Sergipe.

Apesar da colaboração de Dom Luciano para o nascimento da Universidade Federal de Sergipe, nem todos viam com bons olhos a presença de uma autoridade religiosa a frente deste processo, por isso Fernanda Maria Vieira de A. Lima destaca que:

Um representante da igreja católica, que, apesar de possuir capitais cultural e científico condizentes com o necessário para fazer valer tamanho desafio, era temido por alguns que imaginavam que poderia implantar uma universidade nos moldes da censura e do controle católico, ou seja, imprimindo, no intelecto dos estudantes os dogmas da Igreja. (LIMA, 2009, p.55).

Dom Luciano, com predicados intelectuais satisfatórios e que já havia conhecido tantas outras universidades em diferentes países, por ser um líder religioso com postura conservadora, não escapou das críticas. Havia também à época boatos de que Dom Luciano pretendia ocupar o cargo de reitor da Universidade e, com isso, levar interesses da Igreja para o interior da Universidade. Sobre essa suposição, o próprio Dom Luciano respondeu ao jornalista João Oliva

²¹ Para saber mais deste período ler LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)/ Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima. - São Cristóvão, 2009. 92 f. : il. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_730688ce23834e82c78374229000f31f. Acesso 17 jun. 2019

durante uma entrevista que está descrita por Gizelda Moraes em sua obra “D. Luciano José Cabral Duarte - Relato biográfico”:

Eu nunca quisera ser reitor. Alguém me perguntou: “é verdade que o senhor não quer ser reitor? Por quê? ” Bem, vamos falar com toda franqueza e toda lealdade. Eu não me considero, modéstia à parte, abaixo da qualificação de outros candidatos. Eu estudei, fui para o exterior, me doutorei na Sorbonne, voltei para minha terra, então por que não aceitaria ser reitor? Por uma razão singela. É que a opção fundamental da minha vida é o sacerdócio. Eu sou bispo, e o reitor tem que se ocupar vinte e quatro horas por dia na universidade, e a minha escolha fundamental foi o sacerdócio, o episcopado. Se eu fosse reitor, eu não podia me dedicar à Igreja, às coisas da Igreja, como foi a minha opção de base, a minha opção fundamental. Esta é a verdade. (MORAIS, 2008, p.241-242).

Havia, ainda, uma preocupação de que a Universidade em Sergipe viesse a ser uma Pontifícia Universidade Católica (PUC) e com isso privilegiar a elite católica. Manoel Cabral Machado, político e professor sergipano (*in memoriam*), *apud* Fernanda Maria Vieira de A. Lima, destacou:

Há na Bíblia, I Samuel 8, 7, uma palavra que explicaria toda essa agressão injusta, na Universidade Federal de Sergipe, contra dom Luciano Cabral Duarte. É a consolação do Senhor ao velho sacerdote Samuel: “Não é a ti que eles rejeitam, mas a mim, pois já não querem que eu reine sobre eles”. Sim, não é contra Dom Luciano que eles combatem, mas combatem o sacerdote de Cristo. (MACHADO, 1998, p. 297 *apud* LIMA, 2009, p. 55).

A firmeza de Dom. Luciano em suas ideias era outro ponto que provocava tensões. Conforme mencionou o cientista político José Ibarê Dantas em entrevista concedida em setembro de 2003, descrita por Gizelda Moraes:

No aspecto político e ideológico, eu o achava um tanto intransigente, nem sempre considerava o pensamento divergente. Ele, na conquista da hegemonia, não demonstrou muita habilidade. Eu participei de uma reunião na época da fundação da universidade e ele terminou travando uma polemica com Wellington Mangueira, desmascarando-o por ter ele feito uma afirmação e caído em contradição. Formalmente ele ganhou, mas despertou animosidade no pessoal. (MORAIS, 2008, p.247).

A hostilidade da academia com o cristianismo revela-se na origem, apesar da contribuição dada pela Igreja Católica, como mencionado acima. A tensão aponta

para uma preocupação voltada a impedir a hegemonia cristã; certamente, receio da corrente mais positivista, pouco ou nada ligada à pertença religiosa. Lima (2009, p. 73) complementa, “(...) o problema não era a vinda de uma universidade, mas era a chegada dela através das iniciativas de Dom Luciano”.

Por outro lado, a figura de Dom Luciano na busca pela efetivação do sonho da Universidade Federal de Sergipe foi premente para a sua concretização, conforme Lima:

Em pleno período de Golpe Militar, marcado pela tutela militar, com o objetivo de combater a subversão e reorientar a política nacional, o padre Luciano estava à frente dos embates e das repercussões, mas não temeu, seguiu adiante, e alguns fatores lhe facilitaram tolerar pressões e mal-entendidos que retardavam a mais rápida efetivação do processo existencial de uma universidade em Sergipe. Foram eles: sua posição como clérigo, que tinha suas ações reconhecidas com louvor pela Igreja; ciclo de amizade com pessoas de influência social, cultural e política, o fato de ser membro do Conselho Estadual de Educação e a oportunidade de ter sido nomeado Bispo no ano de 1966. Tais fatos possibilitaram um maior reconhecimento da sua pessoa e agilidade de todo o processo burocrático para a criação de um segmento de tamanho porte. (LIMA, 2009, p. 61)

Nesse sentido, a UFS fundada logo após a Reforma Universitária ocorrida na década de 1960, recebeu fortes influências do sistema vigente à época, o Parecer nº 178/70 emitido pela Câmara de Ensino Superior do Conselho Federal de Educação (CFE), em 10 de março de 1970, por exemplo, afirma:

A Universidade Federal de Sergipe foi constituída sob forma de Fundação, pelo Decreto-Lei 269, de 28 de fevereiro de 1967. Seu Estatuto foi redigido sob a orientação do ilustre Conselheiro Newton Sucupira e a Universidade já nasceu sob o signo da Reforma Universitária, sendo concebida segundo as novas estruturas (CFE, 772/69).

A escolha do regime jurídico de Fundação Federal, a atenção ao princípio de unidade entre ensino e pesquisa e a presença dos institutos básicos na estrutura acadêmica, revelam essa relação. A despeito disso o Decreto-Lei nº 269/67 dispôs:

Art. 14 – A Universidade Federal de Sergipe se organizará com estrutura e métodos de funcionamento que preservem a unidade de suas funções de ensino e pesquisa, e assegurem a plena utilização dos seus recursos materiais e humanos, vedada a duplicação de meios para fins idênticos ou equivalentes.

Destaca Eliana Souza (2012) que em 2006 a UFS transformou-se numa universidade multicampi, com a implantação do Campus Universitário Professor Alberto Carvalho, em Itabaiana, em 2006, seguido do Campus de Laranjeiras e posteriormente pelo Campus Universitário Professor Antônio Garcia Filho, em Lagarto. Oferece diversos cursos de graduação, pós-graduação, possui um colégio de aplicação e hospital universitário, ensino à distância, editora, biblioteca, restaurante universitário, laboratórios de informática, trabalhos de pesquisa e extensão, entre outros.

Em 2015, foi realizada a Aula Magna do Campus do Sertão em Nossa Senhora da Glória, que visa permitir o acesso integral a jovens e potenciais agentes de mudanças sociais da região do semiárido sergipano, além de impulsionar a capacidade produtiva daquela região²².

Como a maioria das instituições públicas federais de ensino, alguns grupos estruturaram-se por objetivos afins, são eles: Movimento Estudantil, Associação dos Docentes da Universidade Federal de Sergipe (ADUFS), Sindicato dos Trabalhadores Técnico Administrativos da UFS (SINTUFS), constituindo-se o espaço universitário um ambiente expressivo e participativo.

Além disso, é possível identificar a presença de representações coletivas²³, inclusive de caráter religioso, que desenvolvem ações identitárias, de fortalecimento, ou disseminação de ideias. Neste aspecto se pautará o estudo nos capítulos seguintes, dada a ênfase ao objeto pretendido, qual seja a experiência de cristãos no ambiente acadêmico da Universidade Federal de Sergipe.

Apesar das tensões que revestiram o processo de criação da Universidade Federal de Sergipe, que colocou de um lado um movimento ideológico com suspeitas de interesses clérigos por parte da atuação de Dom. Luciano Cabral e da Igreja Católica, nos dizeres de Bretas (2014, p. 196-197) “há de se afirmar que a universidade era um merecimento do Estado e que sua criação contribuiu para o seu desenvolvimento como um todo (...)”, além disso, conforme destacou Gizelda Moraes (2008, p.231) “ele poderia ter defendido a criação de uma universidade católica, como se fez em outras dioceses, mas não é isso que ele aspirava para Sergipe”,

²² Disponível em: <http://campusdosertao.ufs.br/pagina/18791> Acesso em: 09 jan. 2020.

²³ DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987. p.26.

mesmo porque, esse era um desejo não apenas do sacerdote, mas de todo um coletivo de sergipanos que ansiavam o crescimento sociocultural do Estado.

Do breve apanhado histórico, evidencia-se a existência de conflitos que revestem um comportamento hostil com cristãos nas universidades e que pôde ser visto já no prelúdio do projeto de implantação da Universidade Federal de Sergipe através da participação ativa de Dom Luciano, o que desperta o interesse de se verificar a continuidade desse fenômeno na atualidade, objeto desta pesquisa.

3 SECULARIZAÇÃO E LAICIDADE

Neste capítulo serão trabalhadas concepções acerca dos conceitos de secularização e laicidade e sua relação com a religião no espaço público. O intuito maior não é fazer uma longa revisão bibliográfica, mas situar, pontualmente, o uso que faremos desses conceitos na análise.

3.1 SECULARIZAÇÃO E LAICIDADE EUROPEIA

A contemporaneidade fez repensar algumas proposições trazidas com a modernidade e que relacionadas à secularização trouxe a necessidade de uma leitura particularizada sobre o fenômeno. As consequências e resultados destes substratos são distintos, por essa razão Giddens (1991) destaca que:

Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilham de todos os tipos tradicionais de ordem social, de uma maneira que não tem precedentes. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas que a maioria dos tipos de mudança característicos dos períodos precedentes. (GIDDENS, 1991, p.14)

Para o cientista da religião Dario Paulo Barrera Rivera “o impacto da secularização na modernidade europeia foi mais evidente e, ainda hoje, o conceito associa-se, pelo senso comum, a um esvaziamento das igrejas” (RIVERA, 2010, p. 51). O conceito de secularização também é trabalhado pelo sociólogo da religião José Casanova, e utilizado por Jorge Botelho Moniz, sociólogo que estuda o tema da secularização, adiante:

Primeiramente, o secular fez parte do discurso teológico (*saeculum*), definindo um espaço dual (sagrado e profano) e dois tipos de clero (regular e secular); posteriormente, passou a designar um movimento filosófico de progresso humano que não inclui a religião (secularismo) e outro projeto que a privatiza e discrimina, afastando suas instituições e seus símbolos da esfera pública (laicidade). Como consequência dessa revolução secular, o termo deve ser entendido como categoria histórica e conceito universal globalizado que desponta como construção da modernidade ocidental secular. (CASANOVA, 2008, p. 103 *apud* MONIZ, 2017, p. 85-86).

A relação entre modernidade e secularização apontada, sobretudo, pelos sociólogos da religião ressalta a ênfase das pretensões analíticas dos ideais iluministas. Segundo Berger, “a modernização leva necessariamente a um declínio da religião, tanto na sociedade como na mentalidade das pessoas” (BERGER, 2000, pág. 10). Na obra “O Dossel Sagrado”, o autor define secularização como “o processo pelo qual se suprime o domínio das instituições e os símbolos religiosos de alguns setores da sociedade e da cultura” (BERGER, 1971, p. 134).

Essa ideia, defendida salutarmente por grande parte dos estudiosos entre as décadas de 1950 e 60 de que a religião se reduziria a instância privada e teria pouca eficácia a nível societal não foi convincente nos anos posteriores e precisou ser revista. Para Moniz (2017, p. 82) “não se pode falar de uma descristianização da Europa, porque nunca houve, em primeiro lugar, qualquer cristianização”.

Apesar de controversa, a afirmação de Moniz (2017) nos auxilia a estranhar a Idade Média como um padrão societal homogêneo e como uma época de unidade e total prevalência da crença religiosa, também chamada de “era de ouro da fé”. Assim, pode-se inferir que essa profundidade religiosa da Idade Média pregada por alguns historiadores e autores não era de fato tão intensa a ponto de impedir os prelúdios do pensamento racional.

As profundas discussões no interior das universidades medievais sobre o alcance do conhecimento racional, bem como certos debates científicos, como foi o “Caso Galileu” são exemplos típicos de que ciência e religião, embora passíveis de diálogo e convivência, já vinham se confrontando e expressando certa heterogeneidade epistemológicas e de cosmovisões entre os protagonistas do debate na época. O posicionamento do biólogo e defensor da ciência na Inglaterra do século XIX Thomas Henry Huxley sintetiza bem esta relação:

O antagonismo entre a ciência e a religião, sobre o qual tanto se ouve, a mim parece ser puramente artificial – fabricado, por um lado, por míopes religiosos que confundem um certo ramo da ciência, teologia, com religião; e, por outro, por cientistas igualmente míopes que se esquecem de que a ciência tem como província apenas aquilo que pode ser submetido à compreensão intelectual clara. (HUXLEY, 1904, pp. 160-161).

Nesse sentido, a discussão sobre a relação entre religião e modernidade remete aos temas da secularização e do desencantamento do mundo, fortemente

trabalhado por Max Weber (1920). O crescente pluralismo que permeou a manutenção da tradição e a adesão de novas práticas, bem como o enfraquecimento da legitimidade de instituições religiosas fez emergir tensões nunca vistas e colocou em xeque a plausibilidade do discurso religioso no mundo moderno.

Em face de esta nova realidade, restou às comunidades religiosas duas alternativas para lidar com a secularização, quais sejam, rejeição ou adaptação²⁴. Obviamente, este não foi um processo linear diante das sociedades heterogêneas, culturas e expressões religiosas variadas. Segundo Eliade (1965):

Qualquer que seja o grau de dessacralização a que tenha chegado o Mundo, o homem que optou por uma vida profana não consegue abolir o comportamento religioso. Ver-se-á que a existência mais dessacralizada conserva ainda traços de uma valorização religiosa do Mundo. (ELIADE, 1965, p, 79).

Nesse caminho, o sentido do conceito de laicidade, advindo dos ideais iluministas, passa a correlacionar-se com o sentido de secularização, embora apresentem diferenças conceituais que para César Alberto Ranquetat Júnior (2008, p.5) “cada país possui um conjunto de características e circunstâncias sociais e culturais que possibilitam formas variadas e peculiares de laicidade e secularização”.

Segundo Xavier Ternisien, estudioso das religiões na França, a laicidade é percebida através dos aspectos sociais “se mede pela existência ou não de uma dimensão religiosa da nação, pela existência ou não de uma religião de Estado, pelo lugar do ensino religioso na escola etc.” (Ternisien, 2007, p. 26-28). Já sobre o aspecto da separação *ipsis litteris* entre religião e política, Ranquetat Júnior (2008, p. 8) aduz que “historicamente, concretamente, a laicidade jamais se expressa como uma mera neutralidade, pois se revela também como uma visão de mundo, um conjunto de crenças”.

Todavia, essa relação não se faz uniforme e se revela ainda mais plural no Ocidente. Segundo o antropólogo Ari Pedro Oro uma visão geral acerca da relação dos países europeus com a religião revela que:

(...) Sobre os vinte e sete países que compõem hoje a União Europeia sete adotam o regime de “igrejas de Estado”. São eles: a Inglaterra com o anglicanismo; a Grécia com a Igreja Ortodoxa; Malta e Irlanda com o catolicismo; a Bulgária com a Igreja Ortodoxa

²⁴ In BERGER, 2000, pág. 11.

Oriental e a Finlândia e Dinamarca com o luteranismo. Sete outros países sustentam legalmente a separação das Igrejas e do Estado. É o caso da Hungria, Letônia, República Tcheca, Eslováquia, Eslovênia, Romênia e França.

Os demais treze países sustentam a separação Igrejas-Estado dispensando, porém, uma relação preferencial a certas igrejas e religiões devido a acordos bilaterais ou concordatas. É o caso, por exemplo, da Itália, Espanha, Portugal, Polônia, Lituânia e Estônia com a Igreja Católica; da Suécia com o Luteranismo; do Chipre com a Igreja Ortodoxa Grega; da Holanda, com as minorias religiosas; da Alemanha que permite à Igreja Luterana, e às religiões em geral de se beneficiarem de parte do imposto de renda; da Áustria, que reconhece oficialmente mais de uma dezena de religiões; da Bélgica, que atribui a seis religiões - catolicismo, judaísmo, anglicanismo, protestantismos, ortodoxos e muçulmanos - o status de "religiões reconhecidas" (...) e de Luxemburgo, que reconhece oficialmente quatro religiões: catolicismo, protestantismo, judaísmo e ortodoxa. (TERNISIEN, 2007 *apud* ORO, 2011, pp. 222-223)

Além disso, Ranquetat Júnior (2008) denuncia uma diferenciação nos processos de laicização e secularização nos países católicos e protestantes, adiante:

(...) Nos países católicos a emancipação é marcada pelo conflito entre grupos clericais, religiosos e grupos laicistas, anti-clericais. (...) Nos países protestantes, não se configurou a oposição entre dois campos irreduzíveis, religioso contra laicistas, a emancipação da religião ocorreu segundo uma lógica de secularização, de forma menos conflitual que a lógica de laicização. (RANQUETAT JÚNIOR, 2008, p. 10)

Dessa forma, o processo de secularização e laicização se comportou de forma distinta nos países onde predomina o catolicismo, uma vez que a Igreja Católica questionava para si o reconhecimento de religião oficial; enquanto que os protestantes, que representavam a minoria, consideravam a liberdade religiosa um reflexo do processo de secularização que particularmente lhes favorecia.

Nessa sequência, é um juízo precipitado afirmar que a secularização eliminou o sagrado ou dispensou a religiosidade, sobretudo, diante da existência de movimentos religiosos ressurgentes. Segundo o historiador da ciência e da religião John Hedley Brooke *apud* Peter Harrison a filiação religiosa promove:

A pertença a um grupo religioso, além de prover apoio emocional, pode contribuir para um senso compartilhado de propósito, reforçar o sentimento de autoidentidade e prover uma orientação que o

conhecimento científico sozinho, ao menos para muitas pessoas, não é capaz de oferecer. Observadores de grandes congregações (para padrões europeus) nas igrejas de muitas cidades americanas, não podem deixar de notar que essas instituições também oferecem generosas oportunidades para o engajamento em diversas buscas socialmente coesivas, esportivas e culturais. (BROOKE *apud* HARRISON, 2014, p. 151).

Não obstante, a força do pensamento secularizado tem atuado veementemente na legitimação do afastamento da religião dos espaços públicos, dentre eles, o campo universitário. Desenvolveu-se o conceito de uma ciência pura, academicamente testada e aceita que refuta os modelos tradicionais, sobretudo, com algum elo religioso.

Esta é outra tensão que envolve a dimensão racional na qual as sociedades tendem a tornarem-se mais semelhantes umas às outras, especialmente as ocidentais; será por essa razão que atualmente o pensamento cristão é hostilizado e pouco relevante nas Universidades? É preciso aprofundar a reflexão, pois, este poderá ser outro critério para verificar a medida de secularização nas diferentes áreas da vida social.

A ideia de que religião e modernidade são incompatíveis passou a ser cada vez mais questionada. Jorge Botelho Moniz (2017, p. 89) afirma que "a religião ressurgiu como mecanismo dotador de sentido face à crise da modernidade." Em um primeiro momento, a Igreja Católica teria reagido aos ideais modernos para a época, conforme descreve Ranquetat Júnior:

A Igreja Católica reage ao laicismo, à secularização, exemplo concreto desta reação é a Encíclica *Quanta Cura* e a *Syllabus* (1864) de Pio IX. Nestes dois documentos a Igreja Católica condena de forma veemente os "erros modernos": o laicismo, o racionalismo, o imanentismo, o liberalismo etc. (RANQUETAT JÚNIOR, 2008, p. 8).

Porém, no caso da Igreja Católica, desde a Carta Encíclica *Rerum Novarum*²⁵, em 1891, que culminou no Concílio Vaticano II (1961-1965), o processo de secularização conduziu a uma mudança teológica e pastoral da igreja sobre o mundo e sobre si mesma, enfatizando suas formulações voltadas à justiça social e

²⁵ Disponível em http://www.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html Acesso em 02 fev. 2020.

aos direitos humanos, em resposta às demandas plurais modernas. O mesmo se deu com os protestantes, com destaque aos norte-americanos no movimento dos direitos civis e igualdade racial entre as décadas de 1950 e 70, tendo entre suas lideranças o pastor Martin Luther King Jr.²⁶

Assim, as demandas do mundo moderno se não ditam, influenciam o pensamento e comportamento das Igrejas. Andrade (1997) afirma que secularização se tornou um termo um tanto difuso quanto indeterminado e em alguns pontos controverso. Para ele, o termo é por vezes interpretado como descristianização (ruptura e profanação modernas dos princípios da Christianitas), ora como dessacralização.

Nesse sentido, a religião estabeleceu diferentes formas de se relacionar com o Estado moderno. Autores como Gobineau e Tank-Storper (2011), destacam quatro relações entre democracia e religião:

O primeiro, que se encarna no modelo francês, é o de uma “laicidade ideológica”, em que o projeto laico se enuncia como um projeto abrangente e como um programa alternativo às religiões. O segundo, representado pelo modelo estadunidense, pode ser qualificado de “laicidade estatal”, que favorece prioritariamente a liberdade religiosa e o pluralismo religioso. O terceiro, que propomos chamar de “laicidade em parceria”, baseia-se em relações de cooperação entre as esferas do político e do religioso tal como se pode observar na Alemanha. Por fim, o último modelo de laicidade, que pode ser qualificado de “laicidade jurídica”, será apreendido a partir do exemplo menos conhecido, o status quo israelense. (GOBINEAU; TANK STORPER 2011, p. 52).

Não é objetivo do estudo analisar categoricamente como têm se pautado estas relações, porém, é avistável que cada qual possui um contexto específico e ao mesmo tempo aproximações: o enfraquecimento do poder das instituições religiosas; o pluralismo da oferta religiosa que emergiu um campo religioso competitivo, também chamado de mercado religioso; individualização ou privatização das crenças, onde cada indivíduo se aproxima da experiência religiosa

²⁶ Martin Luther King (1929-1968) foi um ativista norte-americano, lutou contra a discriminação racial e tornou-se um dos mais importantes líderes dos movimentos pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1964. Martin Luther King nasceu em Atlanta, Geórgia, Estados Unidos, no dia 15 de janeiro de 1929. Filho e neto de pastores da Igreja Batista resolveu seguir pelo mesmo caminho. Em 1951, formou-se em Teologia na Universidade de Boston. Convertido em pastor, em 1954, Martin Luther King assumiu a função de pastor em uma igreja na cidade de Montgomery, no Alabama. Disponível em: https://www.ebiografia.com/martin_luther_king/. Acesso: 14 jun. 2019.

que lhe dá significado; e, por último, mundanização ou dessacralização, que significa uma preocupação maior com as questões profanas deste mundo.

Para Berger (1971), assim como para Eliade (1957), a religião é um meio de se conceber o cosmos como categoria pertencente ao sagrado. Porém, a religião concebe não apenas o mundo natural como algo sagrado, mas até mesmo as criações do homem, hierofanizadas e, portanto, com atributo sagrado. Assim, passa a existir a naturalização do mundo social – de modo que as criações sociais se tornam sagradas por natureza – e uma socialização do mundo natural: ao passo em que é atribuído um significado sagrado a coisas até então profanas ou sem significado em si mesmo. Disto, afirma o autor que “o cosmos postulado pela religião transcende e inclui o homem ao mesmo tempo” (BERGER, 1971a, p. 41).

Outro ponto que Mariano destaca como causa secularizadora, também defendida por Berger, é o pluralismo religioso:

(...) o pluralismo religioso debilitou a religião, ao dissolvê-la como dever e herança tradicional e tornar a pertença religiosa uma questão de livre escolha individual, ao multiplicar as estruturas de plausibilidade religiosas concorrentes e ao promover a relativização, a privatização e a subjetivação do conteúdo dos discursos religiosos, tornando-os objeto de ceticismo e indiferença. (MARIANO, 2013, p. 236)

O pluralismo e a concorrência religiosa tendem a oferecer diferentes formas de exercer a crença e vivenciar a religião. Segundo Zepeda (2010), a promessa da modernidade aponta crises a partir do último terço do século XX e ao invés da religião desaparecer, cresce e emergem novos movimentos religiosos. O autor compreende que secularização e modernidade estão estreitamente ligadas e perpassa por três fatos:

1) o paulatino deslocamento da religião-institucional do centro para a margem da incipiente sociedade moderna européia, 2) a perda do monopólio de visão de mundo da religião e seu rebaixamento para a mentalidade científica e liberal, 3) o paulatino, mas constante declínio da relevância social dos signos, símbolos e das instituições religiosas. (ZEPEDA, 2010, p. 130).

Apesar disso, a tese de que a religião resistiu, pode ser reforçada pelo que testemunhamos na cultura, na sociedade, na política, e até na economia muitas vezes de forma ressignificada, mas presente. Segundo Pierucci (1997), foi através

do que sobrou para a religião na moderna civilização ocidental, a saber, a esfera privada, que começou a ganhar forma entre os cientistas sociais da religião a discussão acerca do "retorno do sagrado", termo utilizado por alguns autores já na segunda metade dos anos 70.

Em continuidade, Pierucci (1997) observa que liberdade religiosa sugere um grau mínimo de pluralização religiosa e pluralismo religioso não é apenas decorrência, mas fator de secularização crescente. Sua tese conclui um reavivamento religioso intuído através do aumento da relevância religiosa na vida das pessoas, através da formação de novos movimentos, igrejas e práticas religiosas, todavia, não entende que tais ações sejam o fim do processo de secularização.

A partir deste cenário, observa-se que a perda de legitimidade da influência religiosa dá surgimento a formas de adaptação institucional por parte das religiões e seus agentes, revelando em si uma característica moderna, ou seja, uma resposta reflexiva, mas complexa e dilatada a estas demandas. Brooke *apud* Harrison destaca que:

Nos tempos modernos, o expansionismo do secularismo pode ser correlacionado às transformações sociais, políticas e econômicas, estando ligado à ciência de maneira pouco direta e muito mais claramente ao enfraquecimento dos laços sociais que as afiliações religiosas forneciam. (BROOKE *apud* HARRISON, 2014, p. 152).

Embora a secularização ofereça um panorama útil para a compreensão da religião em sociedades modernas, é necessário enxergá-la como um fenômeno plural e que atuou de forma difusa em sociedades distintas. Sobre isso, também discorre Brooke *apud* Harrison (2014, p. 152) “não há uma relação consistente entre grau de avanço científico e a redução do perfil de influência, da crença e da prática religiosa”.

Por fim, Berger que modificou bastante sua posição acerca da teoria da secularização ao longo da vida, revela em sua obra “Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista” essa sua percepção, Berger (2017, p. 51) “levei alguns anos para chegar à conclusão de que a teoria da secularização era empiricamente insustentável”. Percebeu ainda que no mundo contemporâneo as religiões não se mantiveram inertes. Ao invés de extinguir a religião, a modernidade lhe conduziu a outros processos:

O mundo contemporâneo, com poucas exceções, é tão intensamente religioso como qualquer outro na história. Todas as principais tradições religiosas não somente sobrevivem, mas geraram poderosos movimentos de renovação. (BERGER, 2017, p. 55).

Infere-se ainda que isso altera as relações das instituições “guardiãs das tradições” entre si e a sociedade, levando-as a lidar com valores sociais estranhos às suas perspectivas originais, ainda que não haja alteração em seu *corpus*²⁷. As religiões ficam, assim, sujeitas a processos mais compreensivos e, mesmo no caso de proclamarem oposição à modernidade, não a descartam inteiramente ao utilizarem os recursos próprios desta época a fim de atingir seus intentos.

Todos estes argumentos conduzem a pensar se a religião realmente abriu mão de seus atributos tradicionais tornando-se totalmente flexível à lógica do mercado. Mas, para, além disto, entender qual tem sido a sua relevância diante da dinâmica da modernidade no espaço público.

3.2 SECULARIZAÇÃO E LAICIDADE À BRASILEIRA

Embora vastamente debatido, o tema da secularização não se esgotou e no Brasil apresenta questões particulares que serão abordadas neste tópico. Sobre o contexto religioso na América Latina, Ari Pedro Oro destaca que:

(...) Há nesta região, três países que adotam o regime legal de religião de Estado. São eles: Argentina, Bolívia e Costa Rica. Obviamente, em todos eles trata-se da Igreja Católica. Seis países adotam o regime da separação Igreja-Estado com dispositivos particulares em relação à Igreja Católica. Trata-se da Guatemala, El Salvador, Panamá, República Dominicana, Peru e Paraguai. Enfim, onze países adotam o regime de separação Igreja-Estado: México, Haiti, Honduras, Nicarágua, Cuba, Colômbia, Venezuela, Equador, Chile, Uruguai e Brasil. (ORO, 2011, p.223)

Este cenário revela que apesar das aproximações que costumam ser feitas por cientistas sociais, os conceitos de secularização e laicidade são distintos e se

²⁷ A doutrina católica repousa sobre três pilares que formam a base da nossa religião. São eles: a Sagrada Escritura (isto é, a Bíblia); a Sagrada Tradição e o Sagrado Magistério. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-religiao-e-teologia/5235506> Acesso em 14 jun. 2019.

comportam de forma polissêmica mesmo em sociedades ocidentais. Enquanto a secularização conduz a ideia da perda de plausibilidade do discurso religioso no meio social, a laicidade se refere aos mecanismos políticos e jurídicos adotados para assegurar a proteção isonômica à pluralidade de expressões religiosas que existem em uma dada sociedade. Conforme o sociólogo Ricardo Mariano:

O uso do termo secularização e seus correlatos (denotando os sentidos de paradigma, teoria, conceito e fenômeno histórico) é hegemônico na literatura escrita em inglês e alemão. Já em francês, espanhol e português, por exemplo, secularização divide as atenções com o termo laicidade e suas derivações (laico, laicização, laicista), que ocupam boa parte das reflexões acadêmicas e também dos debates políticos sobre as relações entre religião e política, igreja e Estado, grupos religiosos e laicos. (MARIANO, 2011, pp. 243-244).

Regressando ao Brasil Império, a Constituição Política do Império do Brasil de 1824 já trazia em seu bojo dispositivo específico sobre a relação Religião e Estado, em seu artigo quinto que definia: “Art.5. A Religião *Catholica Apostolica* Romana continuará a ser a Religião do Imperio. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto domestico, ou particular em casas para isso destinadas, sem fórmula alguma exterior do Templo²⁸”.

Naturalmente as tensões advindas em razão da taxatividade do texto foram muitas, uma vez que havia outras expressões religiosas, especialmente protestantes, que não receberam tratamento isonômico, logo, o desgaste entre Império x Igreja foi inevitável, embora não tenha sido esta a questão principal no processo de secularização do estado brasileiro. Sobre este período, sintetiza o constitucionalista Fabio Carvalho Leite:

As confissões religiosas não católicas deveriam proferir os seus cultos, inicialmente, somente para os estrangeiros e em seus idiomas, portanto, sem proselitismo. Além disso, seus cultos só poderiam ser realizados nos próprios lares ou em casas de orações sem a ostentação de templos, para que não fossem reconhecidas como igrejas cristãs através de símbolos que pudessem remeter a um espaço sacralizado com a presença de sinos, cruz, torre, enfim, alusão a um templo religioso, sob a pena de multa. Às autoridades eclesiásticas católicas cabiam funções que deveriam ser exercidas pela burocracia estatal. A educação, a saúde pública e as obras assistenciais eram espaços de atuação da Igreja Católica. Assim

²⁸ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm. Acesso em: 11 jun 2019.

como a concessão de registros de nascimentos, casamentos e óbitos. Os casamentos realizados fora da confissão religiosa católica eram equiparados aos concubinatos. Os casamentos entre pessoas católicas e não católicas eram proibidos e os sepultamentos dos hereges – não católicos – eram recusados pela administração eclesiástica que administrava os cemitérios públicos. (LEITE, 2011, pp. 34-35).

Durante o governo provisório, a liberdade religiosa almejada no Brasil Império começa a emergir em direção às primícias secularizadoras e laicizantes, com exceção das religiões mediúnicas e afro brasileiras que ainda sofriam retaliações sob o argumento da prática ilícita da medicina, segundo a historiadora Adriana Gomes:

Em 7 de janeiro de 1890, o Governo Provisório iniciou o processo de secularização do Estado através do Decreto 119-A, que teoricamente proibiu a intervenção da autoridade federal e dos estados federados em matéria religiosa e consagrou a plena liberdade de cultos, a extinção do padroado e estabeleceu outras providências secularizadoras. (GOMES, 2013, p. 85)

Embora tenha sido o pontapé inicial, na prática, a vivência desta laicidade estava marcada pela incipiência da Igreja Católica com a perda de fiéis e a disputa com protestantes através de sua ação missionária civilizatória e educacional que preocupava as autoridades eclesiásticas católicas.

Já no Brasil República, inspirada no modelo norte-americano e no positivismo francês²⁹, a Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1891³⁰ trouxe características inovadoras, algumas delas servindo, inclusive, como base para o Estado brasileiro contemporâneo:

Não havia nenhuma menção a Deus; os crucifixos e símbolos religiosos foram retirados dos locais públicos; os cemitérios foram

²⁹ O positivismo é uma corrente filosófica que surgiu na França no início do século XIX. Ela defende a ideia de que o conhecimento científico seria a única forma de conhecimento verdadeiro. A partir desse saber, pode-se explicar coisas práticas como das leis da física, das relações sociais e da ética. É notável, no positivismo, duas orientações: a orientação científica, que busca efetivar uma divisão das ciências; a orientação psicológica, uma linha teórica da sociologia, a qual investiga toda a natureza humana verificável. A corrente positivista promove o culto à ciência, o mundo humano e o materialismo em detrimento da metafísica e do mundo espiritual. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/positivismo/>. Acesso em 14 jun. 2019.

³⁰ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm. Acesso em: 12 jun 2019.

secularizados; o compromisso das relações entre o Brasil e a Santa Sé foram omitidas no texto constitucional; e o ensino público passou a ter um caráter laico (LEITE, 2011, p.43).

Embora o texto constitucional apresente um traço de laicização ante as medidas adotadas, a supressão de “Deus” da Carta Magna não descaracterizou a força da expressão religiosa cristã, que fazia e continuava fazendo parte do *ethos* social. Não por acaso, no preâmbulo da Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934³¹ o uso da palavra “Deus” fora retomado:

Nós, os representantes do povo brasileiro, pondo a nossa confiança em Deus, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para organizar um regime democrático, que assegure à Nação a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social e econômico, decretamos e promulgamos a seguinte. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA, 1934) (grifo nosso)

As questões discutidas acima permitem inferir que o fenômeno da laicidade se construía a partir de bases locais, obedecendo às dinâmicas sócio-políticas e culturais existentes no Brasil naquele momento. A liberdade religiosa consagrada no texto constitucional funcionava apenas para o que era reconhecidamente religioso, dispensando as práticas e religiosidades populares e mediúnicas.

Saltando para a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988³², além do uso da palavra “Deus” no preâmbulo, levando-se em consideração a pluralidade religiosa e a própria relação da religião com a história que compunha o tecido social brasileiro desde a colonização, algumas garantias fundamentais voltadas à laicidade e liberdade religiosa foram definidas:

PREÂMBULO

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução

³¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm Acesso em: 12 jun 2019.

³² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm Acesso em: 12 jun. 2019.

pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

Art. 5º (...)

VI - é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias;

VII - é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva;

VIII - ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei;

Art. 19. (...)

I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público;

Art. 210. (...)

§ 1º O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental.

Art. 226. (...)

§ 2º O casamento religioso tem efeito civil, nos termos da lei.
(CONSTITUIÇÃO FEDERAL, 1988)

No caso brasileiro, a secularização conduziu a um processo de perda do monopólio religioso da Igreja Católica, mas não o seu esvaziamento como em alguns países da Europa, a religião católica continua predominante, sendo os católicos 64,6% segundo dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)³³.

A cooperação do Estado brasileiro com entidades religiosas, como no caso do acordo entre a República Federativa do Brasil e a Santa Sé³⁴ relativo ao estatuto

³³ Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo.html?busca=1&id=3&idnoticia=2170&t=censo-2010-numero-catolicos-cai-aumenta-evangelicos-espiritas-sem-religiao&view=noticia>. Acesso em: 12 jun. 2019.

³⁴ A Santa Sé (em latim: Sancta Sedes), segundo a ótica jurídica, é distinta do Vaticano, ou mais precisamente do Estado da Cidade do Vaticano. Este pode ser tido como um instrumento essencial para a independência e autonomia da Santa Sé que, por sua vez, tem uma natureza e uma identidade própria sui generis, enquanto representação do governo central da Igreja. Atualmente temos como seu líder o Papa Francisco. Como uma organização singular a Santa Sede Apostólica Romana possui objetivos espirituais e políticos que a leva a desempenhar papéis distintos no âmbito internacional. Por atingir a vida moral e espiritual de milhares de cidadãos ao redor do globo terrestre, o seu poder político é único e instigante. Disponível em: <https://camilarc.jusbrasil.com.br/artigos/144373887/a-santa-se-estado-cidade-do-vaticano-com-pessoa-de-direito-internacional-publico-e-sua-influencia-no-brasil>. Acesso em 14 jun. 2019.

jurídico da Igreja Católica no Brasil, promulgado através do Decreto 7.107/2010³⁵, fez com Ranquetat Júnior chame a laicidade brasileira de “quase laicidade”:

O caso brasileiro se assemelha com o que ocorreu com os países do sul da Europa de influência católica (Portugal, Espanha e Itália), no que tange às relações entre Estado e Igreja Católica, configurando-se uma - quase laicidade - (CATROGA, 2006). Pois, ao longo da história brasileira, mesmo com a separação formal entre o poder político e a organização religiosa majoritária, pululam os “vínculos, compromissos, contatos, cumplicidades entre autoridades e aparatos estatais e representantes e instituições católicas”. (RANQUETAT JÚNIOR, 2008, p. 11).

Pontua-se que o uso da expressão “quase laicidade” sugere que haja uma laicidade ideal, quando, na verdade, essa categoria de análise apenas busca identificar como as relações entre religião e política se desenvolve em ambiente moderno. Por isso, destaca-se a necessidade de enfatizar as especificidades desse fenômeno em cada país ou grupo de países.

Nesse sentido, sobre a forma como se construiu o processo de secularização e laicidade no Brasil, acrescenta ainda Ari Pedro Oro:

Esta é uma particularidade brasileira, embora não seja um caso único. Além da laicidade (separação Igreja-Estado) anteceder a secularização, ou seja, da laicidade não ser acompanhada da secularização da sociedade, o Estado brasileiro e a igreja católica, apesar da separação legal e do pluralismo religioso que foi sendo construído no país ao longo do tempo, sempre mantiveram certa proximidade, acrescida, nas últimas décadas, pelo ingresso na esfera pública (mídia e política) de novos grupos religiosos, sobretudo os pentecostais. (ORO, 2011, pp. 234-235).

O cenário atual registra uma pluralidade religiosa que ocupa um mercado acirrado e se faz presente no meio televisivo, de radiodifusão, política e na própria esfera pública. A religião não está condicionada ao exercício privado e tem penetrado cada vez mais os espaços públicos, a exemplo de presídios, hospitais, universidades e outros mais, o que gerou pelos cientistas sociais algumas contestações acerca da teoria da secularização. Para Ricardo Mariano a controvérsia é evidenciada através dos seguintes acontecimentos:

³⁵ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7107.htm Acesso em: 13 jun. 2019.

A partir da estrondosa emergência de grupos religiosos na esfera pública *stricto sensu* e do crescimento vertiginoso de novos movimentos religiosos e de religiões mágicas e fundamentalistas em quase todas as regiões do planeta nas últimas décadas, a teoria da secularização – teoria colada à da modernização e até o fim dos anos 1960 hegemônica e praticamente incontestada nas Ciências Sociais – tornou-se objeto de acirrada controvérsia na sociologia da religião. (MARIANO, 2011, p.239)

Ao analisar a presença da religião no espaço público, Paula Montero (2009) concebe este espaço como um mercado, onde a religião está fora de seu lugar e em consequência disto tornando-se uma mercadoria. E acrescenta:

Além disso, longe de “privatizar-se”, as religiões, desde sempre, imiscuíram-se das mais variadas formas na construção e na gestão do espaço público. A presença histórica das igrejas cristãs nas áreas de educação, saúde, assistência social, etc. correspondeu a uma delegação consentida e pactuada pelo próprio Estado. A concessão pública de canais televisivos e de radiodifusão a confissões religiosas tampouco é um fenômeno recente. No campo da política também já nos habituamos à presença de bancadas religiosas no congresso. (MONTERO, 2009, p.9)

Mesmo reconhecendo as especificidades do fenômeno em questão, as tensões não são facilmente superadas. Nesse sentido, alguns autores insistem na busca de certa “pureza” do fenômeno. Conforme César Alberto Ranquetat Júnior a laicidade é expressa em dois sentidos:

A laicidade é uma noção que possui caráter negativo, restritivo. Sucintamente pode ser compreendida como a exclusão ou ausência da religião da esfera pública. A laicidade implica a neutralidade do Estado em matéria religiosa. Esta neutralidade apresenta dois sentidos diferentes, o primeiro já destacado acima: exclusão da religião do Estado e da esfera pública. Pode-se falar, então, de neutralidade-exclusão. O segundo sentido refere-se à imparcialidade do Estado com respeito às religiões, o que resulta na necessidade do Estado em tratar com igualdade as religiões. (RANQUETAT JÚNIOR, 2008, p. 5).

Outra demonstração de que a laicidade à brasileira não deixa de gerar conflitos foi à decisão, em 2016, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), que definiu que a presença de crucifixos e símbolos religiosos em repartição pública não

prejudica o Estado laico ou a liberdade religiosa³⁶. Na ocasião, tais expressões foram entendidas também como símbolos culturais e não apenas religiosos.

Outro caso emblemático foi o da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4439³⁷ em 2017, que pleiteava que o Ensino Religioso fosse apenas uma apresentação geral das doutrinas e não admitisse professores que fossem representantes de nenhum credo, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu em votação apertada de 6 (seis) votos a 5 (cinco) pela permissão do Ensino Religioso confessional nas escolas públicas, o que reacendeu a discussão sobre a laicidade do Estado brasileiro.

Recentemente, em 2019, ao julgar o Recurso Extraordinário (RE) 494601³⁸, o STF firmou posição favorável na qual se discutia a validade da lei estadual 12.131/2004 do Rio Grande do Sul que permite o sacrifício de animais em ritos religiosos, entendendo, portanto, que a referida lei é constitucional por considerar que o abate ritual ou sacralização de animais é um dos fundamentos das religiões de matrizes africanas.

Apesar da idealização de certos segmentos sociais acerca do ideal de laicidade, que seria a separação total entre Igreja-Estado, a correlação de forças – políticas e culturais – em cada país é que determina esse tipo de relação, não cabendo ao pesquisador firmar juízo sobre o que deve ser, mas tentar compreender como se estrutura o fenômeno estudado. Indo mais além, a religião nunca esteve fora do cenário social brasileiro e, nem mesmo a modernidade e o alto nível científico hodierno foram capazes de reduzir o sagrado às instâncias da vida privada.

Esse painel reflexivo sobre o lugar da religião, também é expresso dentro das Universidades, especialmente, as públicas. A dicotomia existente no ambiente acadêmico entre ser a favor ou contra a manifestação religiosa dentro da Universidade delimita de forma violenta fronteiras e cosmovisões humanas que são importantes para a própria construção da liberdade e diversidade, tão defendidas num Estado Democrático de Direito.

³⁶ Disponível em: <https://www.acidigital.com/noticias/decisao-do-cnj-esclarece-crucifixo-em-predios-da-justica-nao-afeta-estado-laico-15362>. Acesso em: 12 jun. 2019.

³⁷ Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/geral/verPdfPaginado.asp?id=635016&tipo=TP&descricao=ADI%2F4439> Acesso em: 12 jun. 2019.

³⁸ Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pgr/noticias-pgr/stf-decide-que-e-constitucional-o-sacrificio-de-animais-em-cultos-religiosos-de-matriz-africana>. Acesso em: 12 jun. 2019.

Quando se exige de um cristão, por exemplo, que seus posicionamentos não sejam correlacionados com a sua pertença religiosa, ofende-se diretamente o aspecto mais profundo de sua existência, sua fé, razão de ser e estar neste mundo. Referido entrave, que ao invés de dialógico, soa mais como coercitivo, descaracteriza a própria natureza de uma Instituição Universitária.

Do ponto de vista da educação, a formação dos professores, mesmo os que não trabalharão com Ensino Religioso, têm contemplado tais aspectos como necessários para a reflexão da futura prática docente? A discussão da interface religião/espço público e cristãos/universidades, por mais complexa que pareça, carece de exercício. A Universidade não parece ser um ambiente secular em si, as causas externas lhe alcançam, permeiam e (re) constroem.

As discussões são diversas por sua própria essência. Por isso, o próximo capítulo será conduzido pela pesquisa na Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, que poderá fornecer intuições para considerações mais aguçadas sobre o fenômeno ao final deste trabalho.

4 EXPERIÊNCIA DE CRISTÃOS NO AMBIENTE ACADÊMICO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Os elementos descritos ao longo do trabalho forneceram pistas para inquietações investigativas que guarneceram a pesquisa qualitativa aqui desenvolvida, visto que as características que dizem respeito ao modo de organização, vivências e experiências de grupos cristãos neste espaço possuem predicados próprios ainda pouco explorados.

Assim, essa parte do trabalho consiste na exposição e discussão dos dados encontrados através das técnicas utilizadas com os sujeitos pesquisados, como adiante será exposto.

4.1 SUJEITOS E MÉTODOS

4.1.1 Metodologia

Em um primeiro momento, foi utilizado o método de pesquisa quantitativa. Todavia, a estratégia precisou ser revista. Em se tratando de experiências pessoais de um grupo restrito – cristãos – a tentativa de quantificar “às cegas” dados que pudessem evidenciar o objeto não possibilitou identificar com maior precisão os sujeitos em análise e suas experiências, ou seja, as perguntas foram feitas a indivíduos que nem sempre se reconheciam enquanto cristão, portanto, não interessavam a pesquisa. Assim, foi observada a necessidade, *ab initio*, de definir melhor o objeto e, sobretudo, as técnicas de construção dos dados.

Dessa forma, inicialmente, o plano amostral da pesquisa foi constituído por entrevistas individuais de sujeitos com idade variante entre 18 a 25 anos, boa parte residindo com os pais ou amigos/repúblicas estudantis, de diversas classes sociais e áreas acadêmicas, que por uma questão ética não serão identificados e receberão nomes fictícios quando da transcrição de suas falas neste trabalho.

Na segunda parte da pesquisa, foram utilizadas as técnicas de grupo focal. A utilização deste instrumento permitiu que o levantamento dos dados qualitativos fosse realizado através das discussões levadas aos sujeitos do grupo pesquisado e observação participante do pesquisador. Para Leny Alves Bomfim Trad *apud* Kitzinger J.:

O grupo focal é uma forma de entrevistas com grupos, baseada na comunicação e na interação. Seu principal objetivo é reunir informações detalhadas sobre um tópico específico (sugerido por um pesquisador, coordenador ou moderador do grupo) a partir de um grupo de participantes selecionados. Ele busca colher informações que possam proporcionar a compreensão de percepções, crenças, atitudes sobre um tema, produto ou serviços. (TRAD, 2009, *apud*, Kitzinger, 2000, p. 780).

Mas não apenas isto, Sônia Maria Guedes Gondim diz que esta técnica é também utilizada como um mecanismo de exploração para uma temática ainda pouco empreendida e que carece de bases que fomentem estudos futuros, o que se coaduna com o presente trabalho, dado o recorte específico do objeto e espaço da pesquisa, verifica-se assim:

O uso dos grupos focais está relacionado com os pressupostos e premissas do pesquisador. Alguns recorrem a eles como forma de reunir informações necessárias para a tomada de decisão; outros os vêem como promotores da auto-reflexão e da transformação social e há aqueles que os interpretam como uma técnica para a exploração de um tema pouco conhecido, visando o delineamento de pesquisas futuras. (GONDIM, 2003, p. 152).

Através desta metodologia, os participantes dos grupos responderam de forma interativa algumas questões específicas da pesquisa exploratória que esboçou algumas aproximações com os relatos individuais e que também se encaixaram nas categorias de análise construídas, como adiante será apresentado, mas que também corroborou para a compreensão de uma realidade particular.

Os grupos foram compostos entre quatro a oito pessoas, os participantes tiveram a liberdade de responder, silenciar ou discutir as questões levantadas. A transcrição dos relatos obedeceu à fidedignidade do que foi dito, de forma imparcial e sem identificação nominal dos indivíduos.

A interpretação dos discursos tomou por base a metodologia de análise de conteúdo. Este método, que tem como literatura de referência Laurence Bardin,³⁹ foi

³⁹ A proposta do livro *Análise de conteúdo* é a discussão feita pela professora da Universidade de Paris V, Laurence Bardin (Lisboa, Portugal: Edições 70). A obra objetiva servir de manual ou guia de apresentação simplificada do que é contemporaneamente o método de pesquisa chamado de “análise de conteúdo” e sua aplicação no âmbito das

utilizado, inicialmente, ante as necessidades do campo da sociologia e psicologia, mas que ganhou propulsão para as outras áreas das humanidades através do surgimento dos novos recursos tecnológicos e da necessidade de estudos de comunicação não verbal e linguístico, entre outras fontes de comunicação.

Segundo Bardin (2011, p.15) "a análise do conteúdo é um conjunto de instrumentos de cunho metodológico em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados". Dessa forma, esta técnica possibilita uma inferência mais abrangente ante a diversidade de sujeitos e expressões de um determinado grupo. O que se infere dos discursos não é apenas o que é dito, mas as causas ou o que está por trás das mensagens e sua ressonância intrínseca e extrínseca.

Apesar de aparentemente simples, a técnica exige do pesquisador uma investigação atenta, não se trata de ouvir e reproduzir os discursos na tentativa de validar uma verdade. Adentrar essa discussão da validação de uma verdade poderia, no caso desta investigação, revestir discursos êmicos de um status ético quase intocável. Por isso, Freitas, Cunha, & Moscarola *apud* Mozzato & Grzybovsk definem que:

Inicialmente, pode-se dizer que análise de conteúdo é uma técnica refinada, que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise. Para tanto, disciplina, perseverança e rigor são essenciais (Freitas, Cunha, & Moscarola, 1997, *apud* Mozzato & Grzybovski, 2011, p. 732).

Dessa forma, os dados primários, através do procedimento utilizado, assumem um esforço comunicativo que visa suplantar incertezas e melhor uniformizar a sua leitura, sobretudo, pela estruturação destes dados nas categorias de análise que foram definidas e que balizam essa interpretação para além do que é dito *stricto sensu*. Por isso, Chizzotti (2006, p. 98) afirma que "o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas".

Os resultados abaixo apresentados tentaram, além de preservar a própria fala dos entrevistados, incluir um exercício de interpretação. Tal esforço procura fugir da mera exposição da “teoria do nativo”, mas também da mera projeção das subjetividades e visões de mundo do pesquisador.

Assim, quem seriam então os cristãos propriamente ditos que interessavam a pesquisa? Aqueles que se apresentam como tal, possuem uma vivência religiosa ligada às igrejas ou ação pastoral, bem como os envolvidos em grupos e movimentos cristãos dentro da universidade. Nesse toar, foram observadas questões que revestem a relação entre os indivíduos pesquisados e como tem sido estabelecida a ideia de laicidade e espaço público dentro do ambiente acadêmico.

4.1.2 Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo (CRU)

A história do surgimento deste grupo remonta os idos do ano de 1951, quando Bill Bright ainda seminarista, preparava-se para uma prova de grego e recebe uma visão clara de Deus para ajudar no cumprimento da Grande Comissão.

Em sua visão, ele entendeu claramente que deveria dedicar sua vida para que o Evangelho fosse pregado em todo o mundo e que deveria começar pelos estudantes universitários. Compartilhando a visão com um amigo professor ele sugere “Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo”, como o nome desse novo ministério. No outono, Bill e sua esposa, Vonette, começam a Campus Crusade (agora conhecida como CRU nos EUA) na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) com o apoio de uma corrente de oração de 24 horas.

Em 1970, a convite do Dr. Bill Bright, o pioneiro Manuel Simões Filho, conhecido por Neco, inicia o movimento no Brasil. Neco relata que com poucos recursos financeiros iniciou o ministério na Universidade de São Paulo, produzindo artesanalmente o folheto evangelístico “As 4 Leis Espirituais”. Pouco tempo depois outros missionários se unem a ele, entre eles: Walter Cullen, Bartimeu Vaz de Almeida Junior, Paulo Ubirajara Trench Martins, Edson Queiroz, Márcio Evandro, Paulo dos Santos e Israel Nascimento.

Ao longo desses 45 anos a Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo – (CEPC), em parceria com várias denominações brasileiras promoveram diversas iniciativas de evangelização da nação. Nos anos 80 a campanha “Já Encontrei”, utilizando todos os meios de comunicação massivos da época, despertou a

curiosidade das pessoas através do uso deste slogan. Depois de uma semana o mistério foi revelado: “já encontrei uma nova vida em Jesus Cristo, você também pode encontrá-la. Solicite seu folheto grátis”.

Em 1985, foi realizado aqui no Brasil uma ação global de treinamento, onde simultaneamente cristãos de diversas partes do mundo, incluindo 5 (cinco) capitais no Brasil, foram treinados via satélite em estratégia de evangelismo e edificação, através da “Explo 85”. Outra iniciativa que envolveu a mídia nacional foi a distribuição do livro “Força para Viver” com o testemunho de um jogador da seleção brasileira.

As informações acima foram retiradas do site da CRU⁴⁰. Atualmente, o grupo atua em diversas universidades do país bem como na Universidade Federal de Sergipe, em sua maioria, se articulam no Campus São Cristóvão.

4.1.3 Associação Brasileira Cristãos na Ciência

A Associação Brasileira Cristãos na Ciência ou ABC² é uma iniciativa da Associação *Kuyper* para Estudos Transdisciplinares (AKET) com o apoio da *Templeton World Charity Foundation* (TWCF). Seu objetivo é promover a comunicação e a integração entre a comunidade cristã e o campo científico no Brasil, por meio da constituição da Associação Brasileira de Cristãos na Ciência.

A missão da ABC² é, portanto, operar como uma embaixada de sentido entre o universo da fé cristã e o universo da ciência. Nesta qualidade, ela promove o diálogo aberto entre estes dois campos, tendo sempre em conta a liberdade e a soberania das respectivas esferas sociais e as finalidades intrínsecas e próprias de cada esfera, mas buscando o avanço do conhecimento integral acerca do homem e sua relação com Deus e a natureza, a partir de uma perspectiva cristã.

Seu interesse é, simultaneamente, o testemunho cristão e a teologia pública, por um lado, e o ensino e a divulgação científica de forma contextualizada ao universo da fé, por outro. A ABC² não pretende controlar ou interferir nos procedimentos, processos ou instituições internas aos dois campos, nem se arvorar legisladora sobre a natureza da ciência ou da fé, mas tão somente auxiliar os

⁴⁰ Disponível em: <http://cru.org.br/nossa-historia/> Acesso em 04 nov. 2019.

cristãos que pertencem aos dois campos a melhor integrar suas vocações científica e espiritual.

Portanto, não é seu papel arbitrar sobre pontos controversos na interação entre fé cristã e ciência, mas sim oferecer-se como fórum aberto para debates de alto nível, de forma que eventuais discordâncias entre seus associados possam resultar em diálogo produtivo e aprofundamento dos temas em questão. Esse coletivo de informações também está disponível em seu site⁴¹.

A ABC² possui uma característica distinta dos demais grupos analisados. Enquanto os outros se concentram mais nas questões espirituais e coesão do grupo, a ABC², embora também composto por profissionais cristãos, possui como intento principal dialogar com as questões que revestem o universo da fé e o campo científico, discutindo de forma racional, metodológica e aberta a relação existente entre estas cosmovisões. Os debates costumam render ativas discussões que fomentam a reflexão analítica; o conhecimento científico é extensamente discutido a partir da perspectiva cristã, sem que nenhum dos campos seja desestimado.

Em sua liderança nacional estão alunos das diversas áreas acadêmicas, professores, doutores, pesquisadores e líderes religiosos. Na Universidade Federal de Sergipe, costumam realizar um evento mensal, aberto ao público, em salas ou auditórios da própria instituição, com temáticas específicas que se alinham aos trabalhos realizados a nível nacional, contam com a participação de alunos interessados pelo debate, além dos próprios membros da associação e, ainda, com o apoio de um restrito grupo de professores que demonstram receptividade pela discussão e participação de convidados externos, de outras instituições e estados.

4.1.4 Louva UFS

O Louva UFS é um pequeno grupo cristão composto por católicos e protestantes, que se reúne uma vez por semana dentro da própria Universidade Federal de Sergipe, visa unir pessoas a fim de vivenciar experiências novas, exercitando sua fé e levando a palavra de Deus para o grupo e visitantes.

⁴¹ Disponível em: <https://www.cristaosnaciencia.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 01 nov. 2019.

O grupo foi criado há um ano e três meses como parte de um trabalho da disciplina introdução à administração, em que após a exposição do trabalho em sala de aula, foi postado por uma professora na rede social Facebook onde obteve mais de mil visualizações, impulsionando o projeto a sair do papel e efetivar-se enquanto grupo cristão perene. Esses dados foram levantados pela própria pesquisa, em diálogo com os membros do grupo.

4.1.5 Movimento Tridentino

Composto por cristãos católicos tridentinos⁴² que fazem parte do Instituto Jackson de Figueiredo, têm em sua composição alunos e também ex alunos da UFS e de outras instituições. O grupo surgiu inicialmente de pequenas reuniões realizadas dentro da Universidade Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, e com o crescimento adquiriu personalidade própria. Se consideram católicos conservadores, possuem sede própria onde costumam se reunir para realizar estudos e outras atividades, visando ajudar-se mutuamente na vivência de sua fé, defendendo valores como a moral cristã, a família e o modelo de civilização ocidental.

O Instituto Jackson de Figueiredo é um grupo de leigos reunidos com o objetivo de ajudar mutuamente seus membros na caminhada de fé, atentando-se especialmente à realidade sociocultural do Brasil, visando à expansão da fé católica e a sanidade da nação. Sua atuação passa pelo estudo e difusão da Sã Doutrina da Igreja, apresentando os princípios cristãos de modo adequado a cada público, ou seja, buscando saciar a sede pela verdade com caridade; passa também pelo combate às ideologias revolucionárias e pela tentativa de reverter a grave crise multifacetada que aflige o povo brasileiro, defendendo a moral cristã, a família natural e a Civilização Ocidental e suas conquistas ao bem comum.

⁴² A Forma Extraordinária do Rito Romano é a liturgia da Igreja Católica em uso antes da reforma do Concílio Vaticano II. Inclui a missa, os sacramentos, vários ritos de bênçãos e mais. A Missa é chamada de Missa “Tridentina” porque “Tridentino” se refere ao Concílio de Trento (1545-1563), que unificou a prática litúrgica na Igreja Ocidental. Disponível em: <https://www.missatridentina.com.br/> Acesso em: 05 nov. 2019. Esse rito tem sido retomado pelos católicos no Brasil após a iniciativa do Papa Bento XVI.

Tem como patrono inspirador o aracajuano Jackson de Figueiredo Martins, referência na história do movimento católico leigo, que através de sua obra, principalmente na revista A Ordem e no Centro Dom Vital, difundiu o pensamento conservador no Brasil e lutou contra a revolução em geral, informações encontradas no site do grupo⁴³.

4.1.6 Dunamis Movement

O *Dunamis Movement* é um movimento cristão, nacional, para-eclesiástico, fundado em 2008, pelo Pastor Teófilo Hayashi, cujo foco é um avivamento sustentável. Buscam despertar uma geração para que ela venha estabelecer a cultura do Reino de Deus na Terra e assim transformar a sociedade a sua volta. No grego a raiz da palavra Dunamis é dynamus, que significa o poder explosivo do Espírito Santo com uma conotação de dinamite e dinâmica⁴⁴.

O movimento chegou à Universidade Federal de Sergipe em 2017, a cada encontro conta uma média de vinte pessoas, se reúnem duas vezes por semana na praça localizada dentro da UFS próximo à biblioteca central, os dias são flexíveis e a cada semestre é reformulado de acordo com a carga horária acadêmica da maioria dos membros, o quantitativo geral de indivíduos que compõem o grupo no whatsapp passa das cinquenta pessoas.

Tanto na UFS quanto a nível nacional, alcançam as universidades a partir dos Pockets, reuniões de grupos do Dunamis com oração, palavra (leitura da Bíblia) e louvor. A palavra “*pocket*”, do inglês, significa bolso ou recipiente pequeno. O objetivo então é espalhar esses “bolsos de avivamento” pelas universidades mundo afora⁴⁵.

Por ter em sua composição a predominância jovem, o grupo desenvolve ações de forma criativa e dinâmica, como forma de aproximar a linguagem entre os pares e desenvolver o protagonismo dos agentes sem o apego demasiado às

⁴³ Disponível em: <https://www.institutojacksondefigueiredo.org/quem-somos> Acesso em: 05 nov. 2019.

⁴⁴ Disponível em <https://dunamismovement.com/lideranca-2-2/> Acesso 05 dez. 2019.

⁴⁵ Disponível em <https://www.lagoinha.com/ibl-noticia/movimento-dunamis-alcanca-jovens-de-forma-criativa-e-dinamica/> Acesso 05 dez. 2019.

formalidades ou rotulagens tradicionais de outras vertentes do cristianismo, especialmente evangélico.

4.1.7 Gravetinhos

O grupo Gravetinhos criado em julho de 2019 é um grupo cristão interdenominacional composto por nove membros, sendo quase todos os calouros, em seu corpo diretivo são todos protestantes, mas participam das reuniões também cristãos católicos e é aberto aos visitantes. Realizam uma reunião semanal na área comum da didática VI, em uma semana o encontro é fechado para a liderança do grupo de forma a articular as atividades que serão desenvolvidas, em outra aberta aos demais membros e participantes onde desfrutam de um momento para oração, louvor e leitura da Bíblia.

O objetivo maior do grupo é cumprir o “Ide...” de Cristo e buscar avivamento dentro da Universidade, além de preencher a falta que a maioria dos membros sentem da Igreja durante a semana enquanto estão atarefados na Universidade, uma vez que com a rotina de estudos acabam por frequentar a igreja apenas nos finais de semana.

O nome do grupo surgiu a partir de uma experiência religiosa entre duas componentes durante um culto jovem em sua igreja quando da leitura do livro de Isaías 64:2 “como quando o fogo inflama os gravetos, como quando faz ferver as águas, para fazeres notório o teu nome aos teus adversários, de sorte que as nações tremessem da tua presença! (Bíblia Sagrada, Isaías 64:2)”. A partir desta passagem bíblica, ambas sentiram que se tratava de uma revelação da parte de Deus e ao se olharem entenderam que deveriam criar o grupo que recebeu o nome Gravetinhos em alusão à passagem bíblica que foi pregada nesta ocasião. Todos esses dados foram colhidos pela própria pesquisa em diálogo com os sujeitos entrevistados.

4.1.8 AdventoUFS

O grupo AdventoUFS, é um grupo composto por cristãos adventistas, mas que também recebe visitantes que manifestem interesse em seus encontros. Criado em 2018, o grupo se reúne todas as sextas durante o pôr do sol no central parque,

dentro da UFS, e conta com uma média geral de pouco mais de sessenta membros. Como nos demais, a dinâmica do encontro é levar uma passagem da Bíblia, ter um momento de oração e cantar alguns louvores. O objetivo do grupo é ser um refúgio para os seus e fazer do ambiente acadêmico um espaço também para a glorificação de Deus.

A fundadora do AdventoUFS relatou que quando ingressou na Universidade Federal de Sergipe notou que os adventistas estavam dispersos e sentiu a necessidade de criar um grupo para reuni-los. Também revelou que participou de um encontro da CRU, mas que não se sentiu muito acolhida naquele grupo, “no meio cristão nem todas as denominações são bem aceitas, no caso da adventista eles nos taxam como seitas e quando contei que era adventista todos me olharam estranho, eu parecia a leprosa do lugar, também notei que os católicos saíram do grupo por não se sentirem acolhidos”; dados fornecidos pelos entrevistados quando da pesquisa realizada.

4.1.9 Grupo de Oração Universitário Sacrário Vivo

O último grupo entrevistado foi o Grupo de Oração Universitário Sacrário Vivo. Criado há quatro anos, o grupo faz parte do Ministério Universidades Renovadas – (MUR), que é um Ministério da Renovação Carismática Católica (RCC) e que tem como objetivo evangelizar com renovado ardor missionário, testemunhar Jesus Cristo e difundir a experiência de Pentecostes dentro das Universidades⁴⁶.

O MUR busca conciliar a “fé” e a “razão”, e também tem a missão de transformar a sociedade e o mundo profissional através da experiência do “Batismo no Espírito Santo”, e assim construir, como pedia São João Paulo II, a “Civilização do Amor”. O movimento foi iniciado pelo estudante da Universidade Federal de Viçosa Minas Gerais em fevereiro de 1994, Fernando Galvani (Mococa), acadêmico de Medicina Veterinária que observou que no meio universitário “os cristãos sofrem perseguições da mesma forma como os discípulos sofriam em Jerusalém”⁴⁷.

⁴⁶ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/portal/o-que-e-o-mur/> Acesso 02 jan. 2020.

⁴⁷ Disponível em <http://www.universidadesrenovadas.com/portal/nossa-historia/> Acesso 02 jan. 2020.

Surgiu como uma resposta da RCC ao desejo da Igreja em propor uma ação evangelizadora dentro das instituições de ensino superior, claramente expresso pelo apelo do Papa João Paulo II na carta *Christifidelis Laici*: “A Igreja pede aos fiéis leigos pra guiados pela coragem e criatividade intelectual, estarem presentes nos lugares privilegiados da cultura, como sejam o mundo da escola e universidade, nos centros de pesquisa científica e técnica, nos lugares de criação artística e da reflexão humanista”.

Em sua composição, estão pré-universitários, estudantes, professores e servidores universitários, bem como profissionais formados que respondem aos crescentes desafios propostos pela Igreja Católica, principalmente os apresentados na Encíclica *Fides et Ratio* (Fé e Razão)⁴⁸, para a Evangelização nas Universidades.

Na UFS, o grupo é composto por quinze pessoas, sendo cinco delas o núcleo responsável por encabeçar as atividades. A reunião de oração é realizada uma vez por semana, variante de acordo com cada semestre universitário em razão das atividades acadêmicas, no semestre concernente ao da pesquisa o grupo se reunia às terças-feiras às 18:30h na didática VI. Para que a reunião aconteça, uma das lideranças localiza uma sala que esteja vazia e afixa um cartaz na porta como forma de identificação aos demais participantes.

O grupo buscou recentemente a reitoria da Universidade na tentativa de que lhe fosse liberado um espaço fixo para que as reuniões possam acontecer sem essa variação constante de local, todavia, receberam a negativa sob a justificativa de que a UFS não libera espaços para uso de cunho religioso e que se assim o fizessem, o mesmo teria que ser feito com as demais religiões e não há espaços suficientes. Atualmente, o grupo aguarda uma reunião com o coordenador da pró-reitoria de graduação para que possam reiterar o pedido.

Também lembrou que o mesmo fato aconteceu com a celebração da missa, que acontecia na última quarta-feira de cada mês e que era celebrada pelo Padre Adilson, pároco da Igreja do bairro Roza Elze, onde está situada a UFS – Campus São Cristóvão. Eram liberados auditórios ou salas disponíveis na UFS através de solicitação por memorando, porém, não demorou muito para que a ação fosse cessada sob a alegação de que a realização deste evento mensalmente chocaria com as atividades acadêmicas desenvolvidas naqueles espaços.

⁴⁸ Disponível em http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.html Acesso 02 jan. 2020.

Atualmente, a missa não tem sido realizada. Suas últimas celebrações aconteceram no colégio de aplicação anexo à Universidade, uma vez que o diretor responsável não se furtou a solicitação do grupo. O grupo de oração tem buscado também a aprovação da reitoria para que a missa volte a ser realizada na UFS, uma vez que facilitaria a participação dos demais alunos e interessados que estão em aula ou em outra ocupação.

4.1.10 Jovens Sarados e Capelinha Mãe Rainha Universitária

Foram identificados também outros dois grupos católicos, os Jovens Sarados que também são um movimento católico carismático e a Capelinha Mãe Rainha Universitária que funciona como uma espécie de peregrinação onde a imagem da virgem é levada de tempos em tempos por um universitário para a sua residência, a fim de que familiares e colegas de república estudantil sejam evangelizados. Não foi possível realizar uma entrevista com os grupos, apesar da busca direta com as suas lideranças.

4.2 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Ainda com relação à adoção do método de leitura dos dados, Durkheim (1987, p. 26) afirma que “o que as representações coletivas traduzem é a maneira pela qual o grupo se enxerga a si mesmo nas relações com os objetos que o afetam”, este olhar auxiliou na busca de uma melhor compreensão dos indivíduos e grupos analisados.

Dito isto, foram elaboradas as categorias que balizam esta construção levando em consideração os pontos convergentes nos conteúdos obtidos e as especificidades dos discursos. Assim, de acordo com os dados obtidos, as tensões que revestem o comportamento religioso cristão na Universidade Federal de Sergipe se dão em razão de:

- 1- Perda de plausibilidade;
- 2- Fanatismo;
- 3- Religião e comportamentos.

4.2.1 Perda de plausibilidade

Esta categoria está enquadrada em todas as falas e situações de conflito onde o nativo ou indivíduo percebido como cristão dentro da Universidade sofreu alguma espécie de retração opinativa. O argumento recorrente é o de que o ambiente acadêmico não seria adequado para estes discursos e ainda porque esses sujeitos pautam suas vidas em fundamentos religiosos e princípios éticos exclusivos, não negociáveis e não dialógicos com o meio exterior, por isso, suas falas não teriam plausibilidade.

Madalena, 20 anos, estudante de direito, assídua na igreja católica desde criança, mas que revela ter de fato escolhido a religião católica aos 14 anos, após participar de um retiro, ao ser questionada sobre alguma situação de tensão ou conflito dentro da sala de aula em razão de ser cristã, revelou que:

Na Universidade, no 1º período um professor perguntou se a gente acreditava na ressurreição de Jesus. Algumas pessoas levantaram a mão e logo em seguida ele disse que não conseguia entender como algumas pessoas acreditavam nisso. Em tom de deboche, falava algumas coisas hostis sobre Nossa Senhora e como sou católica isso me incomodava bastante. Nessa situação optei por ficar calada por acreditar que essa discussão não valeria a pena, mas isso não fragmentou nem diminuiu minha fé, só achei desnecessário falar isso em sala até porque não tinha nexos com o assunto que ele estava passando.

Tiago, 19 anos, estudante do curso de história, de base católica apostólica romana, participa ativamente da vida religiosa desde que foi crismado, sacramento em que se ratifica a graça do batismo ou sacramento da confirmação⁴⁹, também relata uma experiência semelhante:

Na faculdade é um pouco complicado para quem é cristão, antes mesmo de entrar na faculdade fui alertado a tomar cuidado com as ideologias que os professores passariam para não mudar o meu pensamento. É muito tenso ser cristão na universidade, é difícil pensar isso porque a própria universidade surgiu no seio da igreja. É muito difícil compreender como a filha da igreja pode ser tão ingrata a ela. A igreja tem suas falhas, mas também seus benefícios, o Ocidente não seria como é sem a igreja católica. Eu no meu primeiro período já senti isso. É triste ir para um local onde vamos aprender e

⁴⁹ Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/o-que-e-a-crisma/> Acesso em: 10 abr. 2019.

apenas ouvimos ofensas a nossa religião. Eu tenho um professor que a aula dele é toda para falar mal dos cristãos, sobretudo, evangélicos. Isso só me instiga a estudar ainda mais a bíblia. No início do período tivemos um debate acerca do evolucionismo e criacionismo e uma colega de religião de matriz africana disse que desejaria que todos os cristãos fossem mortos e o cristianismo acabasse. Outra situação se deu com um professor de filosofia abertamente ateu que, em todas as suas aulas, confronta o cristianismo através de suas falas.

Lucas, 22 anos, estudante de engenharia, protestante pentecostal⁵⁰, convertido aos 12 anos, é bastante envolvido nas atividades da igreja e participa do Louva UFS. Ao longo da existência do Louva UFS, Lucas destaca algumas experiências que marcaram o grupo:

A primeira experiência negativa se deu quando iniciamos o Louva UFS e postamos um cartaz no grupo no facebook “professores UFS” convidando-os para o evento, lá sofremos comentários obscenos, a postagem foi excluída, o responsável pelo post e sua colaboradora foram expulsos e bloqueados do grupo. A outra experiência foi com esse mesmo cartaz postado no grupo do Coral da UFS por uma pessoa desconhecida e a partir disso um indivíduo mandou um áudio no grupo dizendo se incomodar com a referida manifestação religiosa e que Universidade era lugar de buscar conhecimento científico e não religioso. Que a Universidade é laica e que por existir uma praça dentro da universidade chamada praça da democracia ele viria bater panela para impedir o evento, mas a promessa não se concretizou. Doutra feita, enquanto o grupo ‘louvava’ no lugar de costume, um indivíduo desconhecido que trafegava de bicicleta aproximou-se e alertou aos membros que o grupo já tinha validade para acabar. Houve também um protesto por algumas militantes lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e queer (LGBTQ+) em que se aproximaram do grupo e em manifesto iniciaram um ‘beijaço’ a fim de constranger o grupo, que se manteve inerte e não reagiu à manifestação.

Nesse sentido, registre-se, igualmente, a entrevista da aluna Ana, 22 anos, do curso de história, de base católica tradicional desde os 15 anos, que afirmou ser vista na sala de aula como católica em razão do uso de símbolos cristãos e pelo posicionamento que costuma adotar, em seu relato destacou que:

Sempre me interessei pela história medieval, surgiu a oportunidade de trabalhar sobre esse tema no PIBIC e ao manifestar interesse ouvi

⁵⁰ O termo pentecostal tem como base o Dia de Pentecostes, que vem do grego *pentekostos* (cinquenta), festa judaica que comemora e é celebrado sempre 50 dias após a Páscoa, podendo ser chamado também como Festa da Colheita, pois celebra-se também a manifestação do Espírito Santo sobre os seguidores e apóstolos de Cristo - como relatado na bíblia em Atos 2. Disponível em: <https://www.meusdicionarios.com.br/igreja-pentecostal> Acesso em: 12 abr. 2019.

do professor que 'não seria possível por conta do meu posicionamento cristão'.

Outra situação se deu com a turma da professora que ensina História Moderna II, que antes de começar a aula disse que faria algo que nunca havia feito antes 'abrir as nossas mentes, pois entendia que a turma tinha a mente muito fechada pela fama de ser de direita' e então começou a explicar sobre o perigo do capitalismo, pois não é aceitável que alunos da academia acreditassem em discursos sem comprovação, pois em outros meios ainda é aceitável, mas não numa academia, a exemplo do caso da aparição da Virgem Maria, sendo que neste dia eu estava trajando uma camisa com imagem da Virgem. Os cristãos ficaram calados, por entender que não valeria a pena entrar num conflito direto com a docente e os demais deram risada. Na aula seguinte, decidi me insurgir contra as 'afrontas' da professora, levantei e notifiquei a professora que estaria me retirando e ela me questionou para onde ia, pois, a aula não havia acabado, e eu disse que não me sentia incluída naquele meio e a fala da professora não tinha pertinência com a aula que deveria ser sobre o Brasil Colônia e, portanto, estaria me retirando.

O depoimento seguinte, do discente Pedro, de 22 anos, católico, do curso de direito, também esboça uma tensão sobressaltada nas discussões que ocorrem em sala de aula quando a temática retoma a complexa discussão fé x razão. O indivíduo fundamentado na cientificidade acaba encontrando barreiras para dialogar com as explicações abstratas ou embasadas em teologias e fundamentos religiosos e vice-versa. Essa disputa conduz a uma tentativa de validação do discurso e da supervalorização de cada posicionamento adotado, vejamos:

A experiência universitária no âmbito religioso foi impactante desde o 1º período. Tive um professor de sociologia ateu que numa aula expôs críticas que condenavam a igreja católica e o questionei sobre as bases daquelas informações e ele não apresentou resposta plausível. E eu por estudar a bíblia e com a graça de Deus consegui rebatê-lo e provar que ele estava errado.

Em continuidade, a fala da aluna Rute, 22 anos, nascida em lar evangélico e participante da CRU, discente do último período em Letras, descreve que:

Como estudo literatura e dentre elas a literatura francesa tocava nas questões cristãs, alguns professores me faziam alguns questionamentos e houve o caso de uma professora que meio que tentou me catequizar a não acreditar na bíblia ilustrando alguns fatos e dizia que eu era inocente em acreditar que Maria era uma virgem e engravidou através do espírito santo.

Outro momento foi quando estávamos estudando um filósofo SARTAN e eu não concordava com as ideias dele por serem anticristãs e fiz alguns questionamentos a professora e ela ficou

bastante chateada, mas percebi que a chateação, sobretudo, por ser o filósofo que ela gostava.

O depoimento de Paulo, evangélico pentecostal, que cursou filosofia e ciências da religião, à época do fato com 23 anos, descreve uma espécie de prática pedagógica já evidenciada acima e bastante comum nas Humanidades, uma tentativa de “esvaziamento” daquilo que não é considerado ciência pela academia e potencialização da racionalidade, conforme adiante:

No curso de filosofia, o professor jogou a bíblia no chão para testar as nossas reações e prontamente me manifestei, o professor disse que a universidade não era lugar para crente, não era o meu lugar e que eu deveria estar numa igreja. A discussão evoluiu e o chefe do departamento foi chamado. Houve queixa na polícia federal, na comissão de educação da assembleia legislativa, tal fato repercutiu e foi para a rede social obtendo apoio da CNBB. Os colegas inicialmente me apoiaram, mas depois mudaram de posição e os demais professores passaram a me tratar com certa aversão, fiquei marcado e acabei desistindo do curso e fiz minha transferência para outra instituição onde me graduei em filosofia.

No curso de ciências da religião, anos mais tarde, senti uma repulsa muito grande, sobretudo, com o movimento pentecostal, essa vertente do protestantismo tem sofrido duras críticas na academia. A experiência da vida religiosa não é considerada no campo universitário, o campo acadêmico refuta a linguagem que seja diversa e que não é própria de um método lógico. A ciência da religião quer estudar religião, expulsando uma de suas fontes principais: o objeto ou ator religioso.

Do cotejo das falas acima, observando-se as situações narradas, percebe-se que parte dos professores tentam tornar as relações entre fé e razão impossíveis. Ora, se a ciência é um método de investigação racional acerca do homem e do mundo e sendo a religião cristã ou relação com o divino, sagrado e transcendente, um extrato que compõe este ser racional e social, há uma afinidade correlata que se manifesta e pauta a vida de muitas pessoas.

A universidade se mostra então como ponto de tensão para aqueles que nela veem um cosmos para a sua sacralidade e para os que a institucionalizam como algo a parte do mundo social. Por isso, para Peter Berger “o cosmos postulado pela religião transcende e inclui o homem ao mesmo tempo” (BERGER, 1971, p. 41).

Vê-se então que professores que, teoricamente, deveriam estimular o debate se colocam numa posição de fanatismo intelectual completamente enviesados por suas convicções científicas que refutam a cosmovisão religiosa dentro do espaço

acadêmico, o que denuncia um problema com a própria prática docente e seu papel histórico-crítico em dias atuais.

Na discussão do grupo focal com a CRU, também restou a evidência da tentativa desses professores em apontar uma perda de plausibilidade do discurso cristão dentro da Universidade, conforme observa-se:

RELATO 1

Participante 3: Acredito que seja importante, pois não estamos sozinhos e podemos aprender uns com os outros, partilhar experiências. Algumas pessoas acham que esse lugar não é para nós, mas eu digo que sim, pois serve para aprendermos também a lidar com as diferenças e conviver com elas e, inclusive, podemos influenciá-las positivamente.

Participante 1: É essencial porque muitas pessoas têm uma visão diferente da gente e se afastam de nós, assim aqui é uma oportunidade de poder trazermos um equilíbrio ao “ecossistema” social e filosófico da universidade, pois podemos nos expressar diferente de outras pessoas. E também mostrarmos um novo sentido de viver.

Participante 2: A presença cristã na universidade ela promove um maior conhecimento das pessoas sobre o que é ser cristão, pois não podemos viver só entre cristãos. Essa oportunidade faz com que as pessoas possam ter uma visão mais correta do que é ser cristão.

Participante 4: Sim, porque podemos tirar alguma má impressão que exista sobre o cristão.

RELATO 2

Participante 2: Somos uma maioria, mas uma maioria calada. Que não se expressa por medo ou vergonha.

Participante 1: Eu acho que somos uma minoria, porque se contam as pessoas que realmente são cristãos, falam e demonstram sua fé em sala de aula ou em algum grupo aqui dentro.

Participante 3: Eu acho que ainda somos a minoria, no meu curso, só tenho dois colegas cristãos.

RELATO 3

Participante 1: Na minha opinião, não. Alguns professores tentam impor seus posicionamentos.

Participante 2: Para mim é um pouco contraditória essa questão.

Participante 3: É um pouco contraditório. Porque as pessoas que pregam tolerância, às vezes costumam ser intolerantes. Na prática, ainda sinto uma certa intolerância.

As falas dos membros da CRU, revelam a própria vocação do grupo, missionários que visam multiplicar mensageiros da palavra de Cristo. O grupo é

pequeno, suas reuniões acontecem mais com a finalidade de aproximar os integrantes do grupo, fortalecê-los espiritualmente para a vivência dentro da universidade e inspirar outros jovens através de seus testemunhos.

Segundo os participantes, os debates acerca da religião nunca foram bem recepcionados seja no ensino médio, seja no ensino superior. O ensino técnico formacional evita questões tais e não abre espaço para as diversas cosmovisões existentes.

Para os membros da CRU, não representa um problema o diálogo entre fé e razão. Noutro ponto, a maioria dos entrevistados revelou ter recebido orientações de seus líderes religiosos acerca do que enfrentariam dentro das universidades, essa informação revela certa recorrência naquilo que geralmente os cristãos estão sujeitos a vivenciar dentro da academia – hostilidades, provocações e refutações. Apesar disso, nenhum deles pensou em abandonar a igreja após ingressar na universidade, as dificuldades vivenciadas são vistas como provas que precisam ser vencidas a fim de amadurecer a fé.

Sobre a presença cristã dentro da universidade, concebem como importante para a desconstrução de estereótipos, mas revela que o ambiente universitário ainda não tem propiciado uma cultura de tolerância, neste aspecto o relato coletivo se relaciona com os depoimentos individuais onde são mencionadas algumas tensões. Dentro da universidade, se sentem uma minoria, pouco representada; por outro lado, uma das entrevistadas afirmou acreditar que os cristãos são uma maioria, porém calada, que não se expressa por medo ou vergonha. Neste aspecto, existe um paradoxo entre o dado apontado pelo Censo do IBGE, onde identifica a maior parte da população brasileira como cristã, mas tal representação parece não se efetivar dentro das universidades, especialmente as públicas.

O grupo não demonstrou se envolver nas questões políticas da comunidade acadêmica, mas se relacionam com outros grupos cristãos existentes dentro da UFS, onde se apoiam mutuamente, entendem que a religião é relevante socialmente e, por isso, sua presença dentro da universidade é necessária. Apesar disso, revela-se aqui um fato outrora comum entre algumas filiações cristãs, o recolhimento do debate e da participação no cenário público. Naturalmente, a ausência dos cristãos desses espaços ou o seu ingresso tardio é causa para que outros movimentos encabeçados por ideologias distintas não os aceitem nesses ambientes e surjam conflitos identitários e legitimadores.

O Louva UFS também ilustrou uma situação similar:

RELATO

Participante 4: Ao me manifestar como cristã eu já senti as críticas.

Participante 1: O primeiro grande embate foi quando um colega fez uma pergunta no restaurante universitário pra mim por saber da minha religião e outro colega se incomodou com isso e bateu na mesa ao ficar descontente com a minha resposta e pediu pra não falar sobre religião, naquele momento eu percebi que existia um problema com a aceitação da religião aqui dentro da universidade.

Novamente a demarcação da Universidade como um espaço que deve ser alheio às questões religiosas aparece e ao invés de oportunizar a discussão das cosmovisões distintas, se mostra como um ambiente dual e não relacional.

O movimento Tridentino também reforçou a ocorrência deste comportamento:

RELATO

Participante 1: Há um conceito prévio do que é ser cristão. Quando você se assume cristão dentro da comunidade acadêmica tudo que você vem a falar não é considerado por você ser cristão, os cristãos são tidos como burros, não podem opinar sobre certas coisas.

Participante 2: Existe nas universidades uma cultura de entender o agnosticismo ou ateísmo uma visão de mundo superior à religiosa, eles têm essa visão de que se você não segue religião você é superior intelectualmente.

Participante 3: O ambiente acadêmico tem esse posicionamento de que fé e religião não se misturam, o que já é uma coisa anti científica se você parte de uma filosofia clássica. Assim você não tem espaço para propagar suas ideias.

Participante 4: Eu vejo que tem uma hostilidade, não algo mais direto, mas só por ser católico já te olham de lado e já desprezando parte de tudo que você venha a falar apenas por ser católico.

Participante 5: No meu caso, na área de humanas é mais pesado, eles começam a falar e acham que são o dono da razão, se o católico fala algo, sua fala é tratada como senso comum, é como se não tivesse relevância.

Mais uma vez os discursos sobre a abordagem da religião no ensino médio e na academia corroboram com a construção de uma incompatibilidade entre ciência e religião, os argumentos fechados ou mesmo hostis em torno do conhecimento religioso passados por alguns professores acabavam repercutindo nas escolhas do alunado, principalmente pelo fato de a adolescência ser uma fase de estruturação da

personalidade, valores e predileções, "tanto é que um professor de filosofia me fez virar ateu em certa fase da vida através de seus questionamentos, mesmo tendo sido coroinha na igreja", revelou um dos participantes. O grupo em questão compreende que as ideologias são produzidas na universidade e que isso reflete naquilo que eles chamam de revolução anticristã.

Como nos grupos anteriores, não receberam nenhuma formação ou orientação sobre como lidar com as questões que são postas na universidade em torno da fé que professam, reconhecem que este é um ponto crítico dentro das igrejas e que esta talvez seja uma causa que reflete a crise enfrentada pela Igreja atualmente, "se o jovem não estiver preparado para o que ele vai passar preconceito, questionamento de suas crenças a todo o momento, é muito fácil que futuramente ele possa apostatar da fé", reforçou um dos entrevistados.

Sobre a visão que a universidade possui sobre o cristão, revelaram que não podem opinar sobre certos assuntos sob a justificativa de um encantamento religioso e que suas opiniões são assemelhadas a do senso comum. Ainda, aduziram que uma visão agnóstica ou ateuista é melhor recepcionada intelectualmente que outra emitida por algum religioso. Com relação à necessidade de ocupação destes espaços por cristãos se posicionaram favoravelmente e recordaram que a universidade foi fundada pela Igreja, razão pela qual essa separação entre fé e razão é totalmente secular e desnecessária.

De forma similar aos grupos anteriores, nenhum dos indivíduos ouvidos pensou em sair da igreja após ingressar na universidade. Alguns se firmaram mais na religião e outros retornaram a sua vivência na igreja, mas entendem que este fato é incomum, que na maioria das vezes o cristão acaba cedendo às pressões externas e barganham a fé.

Algo mais particular deste grupo é o seu engajamento político, suas questões e discussões também estão diretamente voltados aos acontecimentos sociais, que reverberam nas ideologias existentes e nos valores atualmente pregados por alguns movimentos sociais com a ideia do relativismo cultural; daí a razão de existir do grupo que atua em defesa do resgate de valores primários da Sã Doutrina da Igreja⁵¹.

⁵¹ Desde o começo da Igreja, os apóstolos se esmeraram na formação do povo. São Paulo, ao escrever a São Tito e a São Timóteo, recomendou a eles todo cuidado com a "sã doutrina". A Tito, o Apóstolo dos Gentios recomenda: "Seja firmemente apegado à doutrina

Com o movimento Dunamis, também não foi diferente, os relatos dão conta de diversas formas de invalidação dos discursos dos sujeitos em situações do dia a dia acadêmico:

RELATO 1

Participante 1: No meu curso, departamento de comunicação, tem muitas sátiras durante as aulas do tipo: quem ainda vai para a igreja hoje em dia?

Participante 2: No curso de psicologia, têm muitos assuntos que as explicações se chocam, há professores que têm um cuidado maior, mas há outros que querem passar a ideia de que quem acredita nisso (religião) é alienado, tá longe da razão, não tem conhecimento.

Participante 3: Os professores que eu tive, nas ciências sociais, normalmente não discutiam muito de forma negativa, falavam da importância da religião, mas não entravam exatamente no mérito da questão; os colegas pegavam pesado, eram piores do que os professores.

Participante 4: Nas aulas os professores estão mais interessados em passar o assunto e pronto, faço computação.

Participante 5: No meu curso é totalmente diferente, faço geografia, tive uma professora que explicou um assunto contemplando as explicações científicas e religiosas e deixou a nosso critério decidir em qual acreditamos.

RELATO 2

Participante 1: Me sinto acuado. Sou uma minoria na sala, mesmo tendo o direito de expressar minha opinião, não vai importar para eles.

Participante 2: Às vezes não vale nem a pena entrar na discussão, porque você já sabe que não vai ser um diálogo. Por saber que não irá valer a pena.

Participante 3: Tive uma aula que um professor perguntou quantas pessoas religiosas tinham na sala, se cinco pessoas levantaram a mão, foram muitas. Ou seja, o curso em si possui poucos cristãos.

Participante 4: Tem muita gente que se diz cristão. Mas, que realmente vive a fé, diminui bastante.

O movimento Dunamis apresenta algumas características similares aos grupos anteriores, à ideia de fortalecimento espiritual do grupo permeia a composição de todos eles. Todavia, a sua composição é o que chama mais a atenção. Jovens com estilos diversos, que se revela através de suas roupas, uso de

da fé tal como foi ensinada, para poder exortar segundo a sã doutrina e rebater os que a contradizem” (Tt 1,9). “O teu ensinamento, porém, seja conforme à sã doutrina” (Tt 2,1). Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/igreja/doutrina/como-posso-ser-um-catolico-bem-formado-e-contribuir-com-minha-fe/> Acesso em: 05 nov. 2019.

piercing, tatuagens e outros adereços, que desmistificam a rotulação e o estereótipo cristão já concebido no ideário social; nem mesmo assim deixa de existir a tentativa de invalidação de suas opiniões. Além disso, coletivos cristãos mais tradicionais enxergam com desconfiança a atuação destes sujeitos e não dialogam em ações conjuntas, havendo rupturas entre os próprios cristãos, conforme observou-se durante a pesquisa.

O grupo Gravetinhos afirma a recorrência do fenômeno:

RELATO 1

Participante 1: Até agora não tive nenhum professor assim.

Participante 2: Tive mais por parte de colegas, volta e meia eles dizem “a bancada evangélica já vem dar opinião”.

Participante 3: Um colega me perguntou se eu era cristão e depois de um tempo ele ficava me contraditando em tudo com perguntas tipo “o que garante que dentre tantas religiões a sua é verdadeira?”.

Participante 4: Às vezes os colegas trazem um tema que sabe que é contra nosso credo e ficam e agora, você é contra ou a favor? Que é pra ver se a gente vai agir com desrespeito.

RELATO 2

Participante 1: É ser um ponto fora da curva.

Participante 2: É andar na contramão.

Participante 3: Aqui ou você se desvia, ou se fortalece.

Participante 4: O ambiente é meio segregacionista. Então somos segregacionados automaticamente por pensar diferente da maioria.

A particularidade deste grupo reside no fato de ter surgido a partir de uma experiência religiosa, embora já tivessem conhecimento da existência de outros grupos cristãos dentro da UFS, à convicção da experiência fenomenológica agiu no sentido de direcionar os sujeitos a criarem um novo grupo, mas que atua similarmente aos outros. Apesar de aberto ao público, os Gravetinhos possuem uma liderança composta apenas por evangélicos, em que todas as ações que são desenvolvidas perpassam pelo crivo deste corpo diretivo. Apesar do pouco tempo de formação do grupo, os relatos já indicam a existência de certa segregação com relação aos seus ideais no ambiente acadêmico.

O grupo AdventoUFS também esboçou situações vivenciadas em que a religião é colocada como oposta à ciência:

RELATO

Participante 1: Com certeza, principalmente no curso de humanas. Eles falam que aqui temos que esquecer religião porque aqui é o lugar de fazer ciência.

Participante 2: No meu curso de ciências sociais, não houve segregação entre ciência e religião, ao contrário, a maioria dos meus professores sempre trouxeram a versão de que a religião é importante tanto para a construção da sociedade quanto de mantermos nossas crenças.

Participante 3: Os professores de exatas às vezes desdenham da religião, dizendo, é mais fácil acreditar em Deus que resolver esse teorema.

Participante 4: No meu curso, cinema, só tem eu e outra colega sendo cristãos, eles não me ofendem diretamente, mas eles não se importam de falar mal de Deus na nossa frente mesmo sabendo do nosso credo. Outro dia teve uma aula no sábado e como guardo o sábado, falei com a professora e ela me liberou aí alguns colegas já foram dizendo “ah então eu vou ser adventista também pra não precisar vir pra aula”.

O que chama a atenção no AdventoUFS é o fato de ter havido certa tensão entre os próprios cristãos com o fato de um de seus membros não ter sido bem acolhido em outro grupo cristão, conforme explanado no item 4.1.8., ou seja, a vítima também assume o papel de algoz a depender do favorecimento da situação.

No caso ilustrado, há por parte de alguns cristãos certa resistência em reconhecer a denominação adventista por apresentar costumes e doutrinas diferentes, a exemplo da guarda do sábado, vestuário, alimentação e etc., rotulando-a como uma seita que é um movimento mais radical que foge aos preceitos do cristianismo. Esse relato chamou a atenção para o cuidado que se deve ter com a definição dos papéis de vítima/acusador ou perseguidor/perseguido, pois a possibilidade de que os papéis se invertam é completamente possível dentro de determinado contexto social.

4.2.2 Fanatismo

Esta categoria de análise está pautada na observância de relatos colhidos onde os indivíduos entrevistados aduzem uma invalidação de seus discursos ou generalização de suas falas como sendo fanáticas e, portanto, indispostas à discussão e diálogo, uma vez que neste caso, o nativo é visto como um ser

totalmente encantado por sua religião e inábil de discutir cientificamente as questões em seu meio.

O entrevistado Mateus de 22 anos, cristão protestante e estudante de direito, mencionou o caso fático adiante exposto:

Existe um preconceito com o cristianismo. Muitas pessoas ficam zombando em tom de brincadeira ou não valorizam sua fala por causa da religião. Sempre tendem a achar que o cristão é alienado. Acham que eles são sempre imparciais e que cristãos não podem opinar sobre nada, porque sempre coloca a religião no meio, aí acabam censurando um grupo. Uma vez levantei a mão pra falar, aí já notei cara feia de algumas pessoas e em seguida uma colega disse: '- olha, o crente vai falar'.

Em continuidade, a estudante de direito Sarah de 20 anos, protestante batista, participante da Aliança Bíblica Universitária (ABU), descreveu que:

Noto com bastante frequência críticas por colegas de classe, normalmente, como sabem que sou cristã sinto que eles se preocupam no que vão falar da religião por minha causa e quando criticam os evangélicos dizendo que são preconceituosos e alienados de forma generalizada logo dizem que sou exceção por ser mais aberta.

Não noto muita hostilidade por parte dos professores, noto por colegas e alunos. Acredito que seja um contra-ataque ou resposta a hostilidade de alguns cristãos praticadas a LGBTQ+ e religiões de matrizes africanas, entendo, como compreensível, porém não justificável.

Quando estas coisas acontecem, converso e procuro entender o que fez essas pessoas pensarem isso dos cristãos e tento mostrar um lado diferente de como acredito que um verdadeiro cristão faria. E tudo isso acontece com muita frequência.

O relato de João, 19 anos, estudante do curso de física e evangélico há dois anos, demonstrou outra situação:

Todo início de semestre montamos um stand para recepcionar os cristãos calouros e adornamos o espaço com cartolinas escritas "Sou cristão e estou na UFS e agora?" a fim de acolher os novos alunos que se identificam com a nossa fé. Lembro que certa feita quando estávamos no stand, alguns alunos chegaram até nós e começaram a zombar perguntando que palhaçada era aquela e nos discriminar, como se o que estávamos fazendo fosse absurdo, coisa de gente fanática.

Nesta mesma relação, descreve-se o relato do aluno Saulo, 20 anos, estudante de fonoaudiologia, evangélico e vinculado a CRU:

Já sofri preconceito por parte de colegas, geralmente sempre tiram brincadeiras com o cristão e tentam ferir o cristianismo e a figura de Cristo. Acham que sou preconceituoso com homossexuais e sou dominado pela igreja. Recordo que por fazer parte da CRU, pregamos alguns cartazes para calouros com a frase “Sou calouro cristão e agora?” e após alguns dias vimos os cartazes riscados com várias ofensas e escrito “Sou calouro satanista e agora?”.

Aqui é revelada outra face vivenciada pelos nativos, que por vezes reconhecem que algumas situações críticas enfrentadas são fruto do comportamento empreendido por alguns adeptos do cristianismo, sobretudo, tradicionais, pelo modo que se portam diante das questões relacionadas à diversidade religiosa e de gênero.

Historicamente, grupos cristãos tradicionais demonstram dificuldades em dialogar com movimentos LGBTQ+, fato também verificado dentro da Universidade Federal de Sergipe. Em todos os grupos cristãos catalogados, nenhum homossexual se identificou, nem foi evidenciada a sua participação dentro dos grupos. Seja qual tenha sido a vertente cristã entrevistada, todas são revistas de um status ético-moral não negociável e que também dá causa para o surgimento de tensões uma vez que está dentro de um ambiente público, laico e plural.

Não obstante, demonstra ainda que a concepção de que todo cristão é fanático e incapaz de discutir assuntos com imparcialidade está enraizada no ideário de algumas pessoas, revelando uma refutação instantânea e natural também no ambiente acadêmico, ambiente que é vocacionado para discussões e construções de novas concepções e (des) construções de tabus e paradigmas.

Os membros da ABC² também asseveram situações semelhantes:

Relato 1

Participante 2: Na sala de aula não percebo, por ser da área de exatas.

Participante 1: Nas humanidades é totalmente diferente, acabamos debatendo muito isso. O fato é que nossa opinião é muito suprimida. Eu ficava quieto na minha para evitar confusão, mas semestre passado me envolvi em um debate com alguns colegas, ataques a igreja católica e a cristãos em geral. O professor tentou amenizar. Mas se o professor falasse algo contra as religiões de matrizes africanas, o pessoal atacava o professor, mas isso não acontecia

quando se atacava o cristianismo. Muitas vezes era eu sozinho debatendo com a turma toda e o professor, eu me sentia como se estivesse no banco dos réus sendo julgado. Isso acontece todo semestre em alguma disciplina.

Participante 4: Esse debate realmente é dessa forma, principalmente no meu curso de ciências sociais, por isso boa parte do curso eu não falava nada e esse foi um dos motivos que já me fez pensar em desistir do curso, porque eu sentia que tinha que concordar com tudo porque para eles eu não tinha conhecimento suficiente para debater com o que estava sendo proposto e isto me feria profundamente.

Relato 2

Participante 1: No começo eles não aceitavam muito bem, eu ficava mais na minha. Fui meio excluído, outros colegas cristãos começaram a se submeter às pressões de outros colegas para se inserir, começaram a usar drogas etc. Também levantei um tema cristão em um trabalho que a professora deixou livre para cada um fazer e quando falei minha ideia ouvi umas piadinhas e risadinhas, a professora já foi perguntando se eu queria falar sobre isso mesmo e consegui apresenta-lo uma vez, de outra feita, fui impedido porque disseram que o trabalho expressava a minha visão religiosa, mas no mesmo evento houve trabalhos falando das religiões de matrizes africanas. Na visão deles somos opressores, mas dentro da universidade me sinto minoria. Outra feita, a professora perguntou quem a acompanharia numa visita a um terreiro e eu não levantei a mão, e o pessoal ficou me encarando como se eu fosse preconceituoso, mas tenho meus princípios.

Como no grupo anterior, os debates acerca da religião no ambiente acadêmico são sempre fechados ou direcionados exclusivamente pela ótica do professor. Os entrevistados revelaram um descontentamento dessa falta de diálogo e também pela não contemplação das explicações místicas para fenômenos discutidos na academia tais como: criacionismo x evolucionismo, big bang x gênese da criação do mundo por Deus e, ainda, a tentativa reiterada por alguns educadores em refutar fortemente a existência de Deus.

Em uma das falas, o entrevistado revelou que "muitas vezes era eu sozinho debatendo com a turma toda e o professor, eu me sentia como se estivesse no banco dos réus sendo julgado. Isso acontece todo semestre em alguma disciplina". A falta de espírito de debate que assola boa parte dos cursos de ciências humanas tem comprometido a própria vocação universitária, o ambiente acadêmico tem colocado o conhecimento em caixas estratificadas que acabam por criar a dualidade das discussões necessárias daquelas consideradas irrelevantes ou pouco interessantes, a despeito da praxe do conhecimento e cultura cristã.

Inversamente, as falas revelam certo prestígio ou mesmo interesse relevante da academia por trabalhos ou questões que abordem a cultura e as religiões de matrizes africanas, no caso dos cristãos se produzem conhecimento que contemple a sua pertença religiosa são taxados como fanáticos. A percepção que se tem é a de que há também no ambiente intelectual a tentativa de se fazer justiça social, privilegiando-se os trabalhos que abordem a cultura afro-brasileira e sua expressão religiosa em detrimento de outras, a exemplo do cristianismo.

De forma unânime, confessaram não ter recebido nenhuma formação ou orientação dentro das igrejas sobre os desafios que enfrentariam na vida acadêmica, para eles é muito comum ouvir na igreja que ao ingressar na universidade geralmente a fé é abandonada. Apesar disso, também não abandonaram a fé ou a igreja, se sentem desafiados a crescer espiritualmente, "tudo que tenho aprendido aqui dentro me fortalece com Deus e traz mais conhecimento espiritual do que imaginei que traria", disse um dos participantes.

Infere-se que a formação oferecida a estes jovens no interior de suas igrejas é bastante frágil, soando muito mais como uma admoestação sobre os "perigos do ambiente universitário", o que reverbera diretamente no comportamento desses indivíduos quando do contato com a academia. Trabalham com intensidade as questões espirituais, mas parecem negar o fato de que estão inseridos em um espaço secular, com questões próprias e que podem conflitar com os seus valores, recaindo muitas vezes em mero fideísmo.

Para os membros da ABC², é importante a presença de outros movimentos dentro da universidade, em uma das falas: "porque precisamos nos aproximar às pessoas e o ambiente propicia isso". Naturalmente, pela própria concepção do grupo, esperam estimular cada vez mais o diálogo entre a ciência e a fé, serem vistos como ponto de apoio por outros cristãos que ingressam na academia e ocupar espaços que não vêm sendo ocupados por cristãos em razão dos muros que foram levantados dentro do próprio ambiente acadêmico.

O relato da CRU, também aponta essa taxação de fanatismo aos cristãos:

RELATO 1

Participante 1: No ensino médio não, em questão de religião não houve, em princípio, nenhuma discussão sobre religião. Só científica mesmo. Só tive essa experiência sobre religiosidade no ensino fundamental, no ensino médio essa disciplina foi retirada. Mas recordo de um professor cristão que deu a ideia da criação humana,

só que em âmbito científico, mas ele deixava claro que havia a concepção do criacionismo que inclusive era explicação de sua fé.

Participante 2: Não tive aula de religião no ensino médio, debatia mais com amigos cristãos. Os professores focavam apenas no ENEM. A ideia é que o ensino médio é para passar no ENEM. Mas tive um professor que uma vez, dividiu a turma em dois grupos, um grupo iria defender o criacionismo e outro o evolucionismo – o líder do grupo do evolucionismo era ateu e eu era líder do criacionismo, infelizmente, tornou-se um embate ao invés de um debate.

Participante 3: Tive um professor de filosofia que, ao meu ver, errava muito. Repreendia muito as pessoas que eram cristãs, com o discurso de que quem tem fé, não pensa.

Participante 4: A escola era pública e não entrava nesses discursos.

RELATO 2

Participante 2: Com certeza! No meu curso de serviço social, estudamos Marx e muitas pessoas que tomam suas ideias como referência para a vida se tornam ateus e ignoram qualquer outro tipo de contribuição. Há um certo fanatismo intelectual por alguns. Tem que se considerar a influência do cristianismo e da Igreja Católica, ainda que eu não concorde com alguma prática religiosa, mas ela foi importante para o desenvolvimento da ciência.

O segundo relato de um dos membros da CRU chama a atenção para algo cada vez mais evidenciado na academia. O fanatismo não é só religioso como costuma ser rotulado. Há na academia também um fanatismo intelectual. A ciência assume um *status* de religião/salvação. Os conceitos “ciência” e “religião” permeiam a cultura ocidental, assim como a crença religiosa explica o mundo para algumas pessoas, para outras, a ciência assume essa responsabilidade. A quem adorar?! Essa parece ser uma escolha inerente desta época, produto da modernidade. Ambas, no entanto, são frutos do empreendimento humano que visa compreender a realidade e dar algum sentido à vida humana, não havendo, assim, razão para o conflito.

As tensões com os membros do Louva UFS não foram diferentes:

RELATO

Participante 1: Eu tenho algumas recordações, principalmente a professora de ciências gostava de fazer alguns questionamentos para ver até onde ia nosso conhecimento, mas não eram discussões tão profundas, eram rasas, porém existiam.

Participante 2: Eu também tenho, da parte mais do professor de história, ele vinha com argumentos querendo afrontar a gente, ele chegava querendo saber o nosso ponto de vista da religião e ele

dizia que isso era fundamentalismo, que a nossa explicação era baseada na fé e ele queria provas.

Participante 3: Professores de história e biologia, sempre provocavam e sempre falavam que o homem veio do macaco até chegar ao homem e eu discutia dizendo que na bíblia não era assim, e eu era cobrado a apresentar uma comprovação.

Novamente, os debates em torno da religião no ensino médio tinham mais o viés de desprestigiar qualquer explicação religiosa acerca de eventos humanos. Na universidade, as entrevistas dão conta de que este comportamento se repete e que a Universidade não se mostra receptiva ao debate em torno da religião. Em sua maioria, os integrantes do grupo não receberam qualquer formação dentro das igrejas sobre os desafios da vida universitária, os avisos soavam mais como alertas de testemunhos de pessoas que passaram pelo mesmo e saíram da igreja.

O grupo acredita no diálogo entre ciência e religião, mas revela não sentir necessidade de que a ciência tente comprovar tudo, como por exemplo: a existência de Deus, a própria noção de fé, milagres etc. Para eles, são eventos que dispensam a comprovação humana, seu sentido está ligado à crença que exercem e não a uma comprovação científica. Como os demais, sentem-se uma minoria, acreditam que deveriam inclusive receber apoio institucional a fim de estimular uma cultura de respeito, "temos que aceitar outros grupos aqui dentro, mas em relação aos cristãos isso não acontece", ponderou um dos participantes.

Também revelaram que a fé se fortaleceu dentro da universidade. Os desafios enfrentados e as hostilidades, quando ocorridas, estimulam o senso de apoio coletivo entre os membros do grupo e a necessidade por fortalecimento espiritual, o que pode ser uma raiz para a consolidação de suas crenças mesmo dentro de um ambiente adverso.

O Louva UFS volta-se mais às questões de sua fé e não se envolve em embates com outras representações sociais ou militantes dentro da universidade. Compreendem que a religião é útil para a ciência e que muito do que é ensinado na sala de aula, pode ser confirmado na bíblia. Por isso, são abertos ao diálogo entre ciência e religião e, concebem da ideia de que todo conhecimento vem de Deus, por isso, não há óbice para que não exista o debate.

4.2.3 Religião e comportamentos

Nesta categoria, os depoimentos transcritos dão conta de questões de conflito que envolvem não apenas a religião ou seus fundamentos, mas comportamentos do cotidiano e valores pessoais opostos que acabam por estabelecer uma discordância entre os sujeitos.

Nesse caminho, a estudante de fonoaudiologia Ester de 20 anos, católica conservadora, expõe que:

Lembro de uma vez que logo que conheci minhas amigas, colegas de classe, estávamos conversando sobre relacionamentos e cada uma tinha uma experiência diferente e elas queriam que a minha experiência fosse igual a delas. Elas conheceram o namorado delas e com pouco tempo eles ficaram e tiveram relações sexuais e todas as coisas contrárias ao que a própria igreja católica dizia e muitas delas se diziam católicas e como eu tinha 4 anos de namoro e nunca havia tido relações sexuais, começaram a se afastar de mim, projetar suas sensações e experiências em mim e eu me neguei e mesmo eu dando base sólida da minha posição pra elas isso não intervinha muito na vida delas porque só queriam viver o hoje. Isso gerou um afastamento, não me inseriam mais em outros assuntos, não me chamavam mais pra sair, banalizavam até as roupas que eu usava, 'que não eram normais'.

A estudante Eva, 22 anos, evangélica presbiteriana, graduanda em psicologia, menciona outra situação que envolve as relações do cotidiano com pessoas não cristãs:

Nunca sofri uma situação de preconceito evidente, mas no início do curso tive conflito por coisas sociais, porque as pessoas que eu convivia não estavam mais comigo e eu passei a conviver com muitas pessoas diferentes, colegas de classe que levavam vidas totalmente diferentes da minha e isso me fez, por um certo período, esfriar um pouco minha fé, mas logo conheci a ABU e me reaproximei de DEUS.

Os dados expõem uma situação que para além da religião, envolve questões de gênero, valores e uma moral social hodierna que parece desconsiderar a pluralidade existente num ambiente misto e diverso que é a universidade. A decisão de se portar ao avesso da escolha da maioria gera um contrassenso que faz segregar e revela outro enfoque do fenômeno em estudo: os que pregam liberdade e diversidade condenam os "contidos".

Com alguns membros da ABC² essas questões também foram recorrentes, embora tenham relatado situações que se encaixaram na categoria de análise

anterior, há situações híbridas que fazem com que o grupo também se encaixe nesta categoria de análise, abaixo:

RELATO

Participante 4: A minha turma fazia festas e eu não ia, tinha vergonha de dizer que era cristã porque sabia que eles iriam me excluir até o dia em que tive coragem de dizer; fui a um aniversário e lá tentaram me fazer tomar cerveja, fiquei meio desesperada, saí de lá chorando e aí foi onde eu vi que as pessoas que achavam tão legal meu papo, gostavam tanto da minha conversa, não eram tão receptivas quanto eu acreditava.

Participante 3: Eu senti isso, ao entrar no grupo do WhatsApp, eles me chamaram para a primeira calourada e aí começaram a me questionar, “ah você é cristão, você não bebe”, antes mesmo de eu falar.

As falas dos entrevistados revelam que só há duas possibilidades viáveis dentro da Universidade, ou se adaptam aos valores seculares e participam de eventos (calouradas, festinhas com bebidas, etc.) que vão de encontro aos seus princípios, a fim de serem inseridos socialmente; ou mantém sua postura ético-cristã e convivem com a exclusão. Por essa razão, também se sentem uma minoria dentro da universidade.

O grupo Sacrário Vivo também trouxe relatos de situações similares:

RELATO

Participante 1: Já tive professor que de cara na aula de pré-história ele já foi logo me questionando se eu só acreditava no criacionismo, a turma toda me olhou e já fiquei marcado. Mas, também tive um professor de idade média que já chegou quebrando vários mitos e isso surpreendeu a turma. Tive outro que zombou de quem era cristão ao ponto que precisei me retirar para não partir para o embate. Também tive colegas que ficavam tentando me questionar porque sabiam que eu já namorava há algum tempo e ficavam dizendo “e aí, vai esperar mesmo o casamento?”.

Participante 2: A gente realizou no ano passado o seminário de vida no espírito santo que foram nove semanas, uma vez por semana, e aí um dia quando eu precisei sair um pouco mais cedo tinha um rapaz fora que já veio pra mim questionar se aquilo que estava sendo realizado na sala era coisa de cristão e aí ele se exaltou como se fosse me agredir e uma colega dele o acalmou. Mas tive um colega que ficava zombando, tipo, dizendo que eu tinha sido coroinha e insinuando que eu havia sido abusado por conta destes acontecimentos que já ocorreram na Igreja.

Participante 3: Sempre percebia os olhares, porque sempre usei blusas religiosas e crucifixo. Mas um professor uma vez fez uma sátira comparando o sacrifício de Jesus com outra pessoa e ficou

esperando o que eu e minha amiga evangélica iríamos falar, foi bem direcionado pra gente.

Participante 4: Como sou de exatas, não têm muitas discussões. Mas eu tenho alguns colegas que quando estão em uma roda de conversas e percebem que estou me aproximando, mudam de assunto. Marcam um almoço e não me chamam, essas coisas.

Por pertencer ao movimento da Renovação Carismática Católica, o grupo possui algumas especificidades em seus ritos, uma vez que buscam a experiência de Pentecostes (batismo com o espírito santo) e o avivamento, que se diferencia de outras tradições católicas. Por essa razão, alguns outros movimentos mais tradicionais da própria Igreja Católica não participam da reunião do Grupo de Oração Sacrário Vivo, porém, a missa é um momento em que todos os movimentos da Igreja se unem e participam da celebração, isso justifica a necessidade revelada pelo grupo de retomada das celebrações dentro da UFS.

Outra singularidade do grupo está no fato da própria razão de sua existência, por pertencer ao Ministério Universidades Renovadas, os integrantes, diferente de alguns outros movimentos cristãos já mencionados, recebem uma formação específica para lidar exatamente com as questões que revestem o ambiente acadêmico, especialmente, os pilares de discussão fé e razão.

As questões morais e cotidianas, pontualmente, apareceram na maioria dos grupos, porém, os trechos acima transcritos são objetos de situações enfáticas vivenciadas pelos sujeitos que se mostram como um contra valor ao que é posto como normal e aceitável dentro do ambiente acadêmico.

Por outro lado, para alguns cristãos, as questões morais assumem um arquétipo quase de salvação, ao ponto de rotular quem é mais ou menos cristão em razão dos comportamentos que adote. Além disso, acontecimentos e escândalos nos interiores das igrejas que venham a ferir este padrão moral, sobretudo, por lideranças religiosas, refletem o paradoxo que muitas vezes repousa em alguns grupos, condenar sem se autoexaminar.

5 CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou compreender as hostilidades voltadas contra a cosmovisão cristã, representada pelo discurso de segmentos do corpo discente, por parte de alguns professores e de estudantes, tanto nas salas de aula, quanto em outros ambientes do campus da Universidade Federal de Sergipe em São Cristóvão.

Para empreender esta tarefa, foi preciso, primeiramente, refletir sobre a natureza do processo de criação das instituições universitárias, pelo próprio cristianismo; passando pela chegada dessas instituições no Brasil, onde ocorreu um processo mais secularizado e cientificista; até chegar no contexto de criação da UFS, onde se viu o encontro e o esforço dessas duas linhagens, secular e católica. Assim, percebeu-se que, desde a origem, as Universidades mantiveram um amplo diálogo com o cristianismo. Embora, em alguns momentos, tais interações tenham sido tensas, esses diálogos têm sido responsáveis por grandes avanços, de parte a parte, acerca de inúmeros aspectos do mundo natural e social.

Apesar do viés mais secular do caso brasileiro, desde a colonização, notou-se a participação de lideranças e instituições católicas e, protestantes, num segundo momento, o que manteve o diálogo entre essas duas cosmovisões, embora com progressiva perda de influência cristã no debate científico público, ao contrário do que ocorre em países como os Estados Unidos da América, Inglaterra, Alemanha, entre outros. Os contínuos e intensos processos de reformas educacionais brasileiros acabaram por reforçar um segmento acadêmico com fortes vieses laicistas e anticristãos, o que fez do ambiente acadêmico um palco de tensões, quando argumentos cristãos emergem no debate nesses espaços.

A Universidade Federal de Sergipe, instituída em pleno início do regime militar, fruto do empenho de um coletivo de sergipanos aguerridos e que pleiteavam o desenvolvimento social e intelectual local, se tornou possível, sobretudo, pela ativa atuação de Dom Luciano José Cabral Duarte, que além de sacerdote e membro do conselho Nacional de Educação, reunia atributos intelectuais pujantes para estar à linha de frente deste processo. Acrescente-se a isso, a incorporação das faculdades católicas já existentes e que formaram a estrutura básica do segmento das Humanidades da futura UFS. A propósito, essa marca católica, na origem da instituição, parece ser um incômodo para alguns setores até os dias que correm.

Buscou-se, igualmente, apresentar, mesmo que sucintamente, o diversificado processo de secularização e laicidade, elucidando o contexto europeu e o brasileiro. O que se concluiu, de acordo com a literatura consultada, é que tal fenômeno se mostrou bastante diversificado, mesmo no continente europeu. Mais do que isso, o próprio conceito tem sido questionado em função da permanência e até expansão de estruturas religiosas, como é o caso do Islamismo. Na realidade brasileira, também se observou que tal processo se realizou de forma muito mitigada, apresentando uma dinâmica muito singular, na qual se vê a secularização de algumas esferas, como é o caso das universidades, mas, ao mesmo tempo, uma forte presença na sociabilidade em geral.

Assim, ainda que os processos de secularização tenham contribuído para um esvaziamento das Igrejas europeias, a promessa de que a religião não resistiria não se cumpriu. A relação com a modernidade oportunizou que houvesse um processo mais reflexivo com as demandas atuais, mas isso não significou dizer que a religião estava condenada à privatização; existindo e resistindo no espaço público.

No caso brasileiro, esse esvaziamento da Igreja Católica não foi premente, havendo mais uma quebra dessa hegemonia, embora continue sendo a religião com maior número de adeptos. As elites intelectuais brasileiras sempre tentaram seguir o modelo de laicidade francês, nunca alcançado. No Brasil, a laicidade aparece antes mesmo de haver uma sociedade secularizada e, apesar desse arranjo político, o que se figurou ao longo dos anos foi uma laicidade flexível, historicamente construída, com a proximidade existente entre o Estado e a religião, que pode ser vista no meio televisivo, de radiodifusão, política e na própria esfera pública - presídios, hospitais, universidades, etc.

Na Universidade Federal de Sergipe, a investigação acerca da existência de tensões sofridas por grupos cristãos, demonstrou algumas particularidades. A pesquisa realizada possibilitou a construção das categorias de análise que se estruturaram basicamente pela reincidência de situações apontadas nas falas dos sujeitos entrevistados, sendo elas: perda de plausibilidade, fanatismo, religião e comportamentos.

A categoria de análise perda de plausibilidade reuniu todas as falas e situações de conflito em que o cristão dentro da Universidade sofreu alguma espécie de retração opinativa, de modo que o ambiente acadêmico não seria adequado para estes discursos, razão pela qual suas falas não teriam plausibilidade.

A categoria fanatismo revelou uma invalidação ou generalização dos discursos cristãos como sendo fanáticos e impossíveis de discussão e diálogo, estereotipando o cristão como um indivíduo totalmente encantado por sua religião e, portanto, inapto ao discurso acadêmico-científico.

A última categoria, religião e comportamentos, enfatizou os conflitos que envolvem não apenas o fenômeno religioso em si, mas comportamentos do cotidiano e valores morais que geram conflitos entre os sujeitos cristãos e o meio externo.

A forma como se vivencia a religião na atualidade encontrou novos caminhos, através das próprias demandas oriundas do processo de modernidade e que são mais expressivas nas sociedades ocidentais. Essas novas perspectivas fazem com que grupos como os situados na pesquisa penetrem cada vez mais o espaço público, demonstrando-se uma religiosidade viva e atenta às necessidades coletivas. A tentativa de afastar religião do espaço público, não se efetivou.

Foi através destas observações que se percebeu, durante a pesquisa, a necessidade que os sujeitos cristãos sentem de vivenciar e expressar a sua fé dentro da Universidade, pois essa tradição religiosa tem como pilar de sua cosmovisão o convencimento de que Fé e Razão não são elementos excludentes; que um cristão pode participar de um debate científico, sem prejuízos epistemológicos para a discussão. Por outro lado, a concepção hegemônica na universidade estudada é a de que o cristianismo é sinônimo de fanatismo e irracionalidade. Em outras palavras, tomam-se algumas partes pelo todo. Daí a dificuldade de parte desses agentes acadêmicos, sobretudo, dos professores não aceitarem a livre expressão de indivíduos cristãos, mesmo diante de argumentos racionais.

Parte das situações de conflito, vem do fato de que esses cristãos, além de se manifestarem dialogicamente nas salas de aula, também realizam atividades diretamente religiosas no próprio campus, pois a dinâmica da vida universitária não deixa muito tempo para continuarem com o mesmo nível de frequência nas suas igrejas. Dessa forma, os cristãos se agrupam para orar, cantar, estudar e até promover outras formas de sociabilidade. Algumas vezes, também procuram corrigir as lacunas deixadas pela formação precária nas suas igrejas de origem, conforme revelaram os dados da pesquisa. Para os segmentos laicistas, usar o espaço

universitário, mesmo que sejam alguns banquinhos em uma das praças do campus ou uma sala de aula vazia, é inaceitável.

Essa iniciativa de coesão social proporcionada pela estruturação dos grupos é também uma forma de resposta a esses ataques que com frequência sofrem, vindos de colegas e professores. O número de cristãos existente fora das universidades, não se aplica dentro do ambiente acadêmico. De forma uníssona, a pesquisa revelou que o quantitativo de cristãos que se expressam enquanto tal dentro das salas de aulas não é expressivo e, por essa razão, os grupos se estruturam.

Embora alguns grupos concentrem-se mais na vivência espiritual, outros estão envolvidos com as questões que revestem o diálogo entre fé e razão e com o compromisso de estreitar a discussão entre estes dois campos, a fim de preparar os indivíduos para os desafios que são inerentes ao cristão dentro do ambiente acadêmico. Essa percepção revela que para o cristão não há qualquer óbice nesta aproximação, pois o pensamento racional está no cerne da perspectiva cristã.

Paralelo a isto, de forma quase unânime, os indivíduos e grupos pesquisados revelaram que apesar das tensões e hostilidades vivenciadas dentro da Universidade, isso veio a contribuir para o fortalecimento da fé e de suas crenças. Apesar de parecer contraditório, a união com outros sujeitos para partilhar as dificuldades encontradas dentro do ambiente conflituoso, que se revela a Universidade para os cristãos, fazem-nos enxergar outros propósitos, além da formação, para estarem ali.

Há, ainda, uma espécie de disputa de autoridade e poder que tensiona a concepção de espaço público e laicidade. Quem autoriza ou não certas atividades dentro da Universidade? É facilmente visto dentro da UFS a prática de comércios, manifestações político-ideológicas, musicais e afins; mas por que razão não há essa mesma abertura com o discurso religioso?! Os grupos católicos entrevistados são um reflexo dessa situação, uma vez que até hoje padecem de um local para realização de suas missas e encontros, tendo que fazê-los de forma itinerante em salas de aula vazias, mesmo após reiteradas solicitações à reitoria de um espaço próprio para tal.

A pesquisa identificou as hostilidades e o objeto destas tensões. Mas, qual a origem destas hostilidades? No plano geral, no decorrer do próprio trabalho as suspeitas indicaram algumas hipóteses para aprofundamento das causas do fenômeno estudado, entre elas: a) o declínio da cultura ocidental; b) o papel dos

paradigmas acadêmicos modernos, como o Marxismo, o Desconstrucionismo, o Relativismo, o Niilismo; c) o recolhimento dos cristãos do debate científico, recaindo muitas vezes num fideísmo extremado.

No caso do Brasil, a partir da década de 1960, a propagação do Marxismo nas Universidades que hegemonizou as ciências humanas dá outras pistas investigativas. As causas dessa genealogia carecem de uma investigação mais aprofundada e específica. Portanto, seria relevante um estudo futuro que contemplasse as impressões e mentalidade também do sujeito hostilizador, uma vez que esse fenômeno é relacional; o que não foi possível realizar neste trabalho.

O recolhimento dos cristãos do debate científico, durante algum tempo, e seu recolhimento às suas práticas religiosas no interior de seus templos; o diálogo do cristianismo e sua abertura para linhagens teóricas que tentam “aparelhar” o movimento cristão; a precariedade da formação intelectual no interior das igrejas, entre outras questões, só denunciam a fragilidade institucional dessa religião no debate acadêmico. A organização desses grupos pode significar um sinal de que esse quadro começa a se modificar.

Por fim, percebeu-se, ainda, que na academia há uma espécie de fanatismo intelectual. O status que a ciência assume de religião/salvação para alguns indivíduos, adquire um *ethos* quase sagrado. Inversamente, o mito de que quanto mais respostas a ciência trouxesse, mais vazia se tornaria a religião não se estabeleceu de forma linear. A tentativa individual de compreender a realidade é ampla e autenticar validade absoluta a uma cosmovisão singular é reduzir a experiência de busca pelo conhecimento a uma única esfera de sentido para a vida humana.

Nesse sentido, a pesquisa de campo empreendida permitiu um retrato de situações que os cristãos enfrentam dentro da UFS. É possível que este retrato se assemelhe ou não ao de outras instituições da mesma natureza em outros estados, respeitando as peculiaridades do objeto e as condições do local a ser pesquisado, havendo, portanto, a necessidade de continuidade da investigação a fim de possibilitar uma análise comparada dos dados e ampliação deste quadro.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, S. La Trinità. **Roma**: Città Nuova, 1998.

ALMEIDA, Rogério Miranda de. A relação fé e ciência no século XIII e o papel das universidades. **Reflexão**, Campinas, 40(2):179-191, jul./dez., 2015. Disponível em <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reflexao/issue/view/327/showToc>. Acesso em 15 fev. 2020.

ANDRADE, P. F. C. . A Religião no Espaço Público. In: Ribeiro de Oliveira, Pedro; De Mori, Geraldo. (Org.). **Mobilidade Religiosa. Linguagens, juventude, política..** 1ed.São Paulo: Paulinas, 2012, v. , p. 55-73.

AZEVEDO, Fernando de. **A cultura brasileira**. São Paulo: Melhoramentos/Editora da USP. 1971.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.

BERGER, Peter L. **O Dossel Sagrado**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.

BERGER, Peter L. **A dessecularização do mundo: uma visão global**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 21(1): 9-24, 2000.

BERGER, Peter L. **Os múltiplos altares da modernidade rumo a um paradigma da religião numa época pluralista** / Peter L. Berger; tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho; revisão da tradução de Gentil Avelino Tilton. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BÍBLIA SAGRADA. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/hb/11>. Acesso em: 19 jan. 2019.

BLOOM, Allan David. **O declínio da cultura ocidental**. Tradução João Alves dos Santos. São Paulo: Best Seller, 1989.

BRASIL. Decreto-Lei n. 269, de 28 de fevereiro de 1967. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade Federal de Sergipe e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 fev. 1967.

BRASIL. Decreto-Lei n. 269, de 28 de fevereiro de 1967. Autoriza o Poder Executivo a instituir a Fundação Universidade Federal de Sergipe e dá outras providências. Retificação. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 mar. 1967.

BRASIL. Lei n. 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 27 dez. 1961.

BRETAS, Silvana Aparecida. **A criação da Universidade Federal de Sergipe: história, política e formação da comunidade acadêmica, (1950-1970)**/ Silvana Aparecida Bretas. São Cristóvão: Editora UFS, 2014.

CASANOVA, J. Public Religions Revisited. In: VRIES, H. (Ed.). **Religion: Beyond a Concept**. Nova Iorque: Fordham University Press, 2008. p. 101-119.

CHARLE, C. e VERGER, J. **História das universidades**. São Paulo, Editora da Unesp, 1996.

CHIZZOTTI, A. (2006). **Pesquisa em ciências humanas e sociais** (8a ed.). São Paulo: Cortez.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO. Parecer n. 178 de 10 de março de 1970. Adaptação dos estatutos da UFS à legislação universitária. Relator: Alberto Deodato. CFE. 772/69.

COSTA, Douglas Lima da. ORIGEM E DIFUSÃO CULTURAL DO PROTESTANTISMO NO BRASIL OITOCENTISTA. **IV CONGRESSO NORDESTINO DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E TEOLOGIA**. Publicado em 08 out. 2018 - ISSN 2594-4266, Maceió/AL. Disponível em <http://doity.com.br/anais/ivcnrt/trabalho/65563> Acesso 20 jan. 2020.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: **500 anos de educação no Brasil**. Org. por Eliane Marta Teixeira Lopes, Luciano Mendes de Faria Filho, Cynthia Greive Veiga, - 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. de Janeiro: ANPED; Campinas: Autores Associados, n. 14, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2017v16n36p74/35097>. Acesso: 25 de set. 2018.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. 13 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o profano**: A Essência das religiões. 3 ed.- São Paulo: editora WMF Martins Fontes, 2010.

Eliade, Mircea, 1907 1986. **O sagrado e o profano** / Mircea Eliade ; [tradução Rogério Fernandes]. – São Paulo: Martins Fontes, 1992. – (Tópicos)

ELIADE, Mircea. **Aspectos do mito**. Tradução de Manuela Torres. Edições 70. 1965.

FÁVERO, M. L. A. **A Universidade no Brasil**: das origens à Reforma Universitária de 1968. Educar, Curitiba. 2006. Editora UFPR. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a03n28.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

FREITAS, H. M. R., CUNHA, M. V. M., Jr., & MOSCAROLA, J. (1997). Aplicação de sistemas de software para auxílio na análise de conteúdo. **Revista de Administração da USP**, 32(3), 97-109.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GILSON, É. **Introduction à la philosophie chrétienne**. Paris: Vrin, 2007.

GOBINEAU; TANK STORPER. **A laicidade nos dias atuais**. São Paulo. 2011, p. 52.

GOMES, Adriana. **O processo de secularização do Brasil no limiar da República e a criminalização do espiritismo**. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 10, n.1, p. 83-93, jan-jun/2013 - A. Gomes – Disponível em: <http://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2014/01/10-1-7.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2019.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. *Paidéia*, 2003,12(24), 149-161. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v12n24/04.pdf> Acesso em 02 dez. 2019.

HARRISON, Peter (Org). **Ciência e religião**. Tradução: Eduardo Rodrigues da Cruz, São Paulo: Ideias & Letras, 2014. (Companions & Companions).

HUXLEY, Thomas. **Science and Hebrew Tradition**. London: Macmillan, 1904. **Igrejas serão construídas em Sergipe**. Disponível em: <https://infonet.com.br/blogs/igrejas-serao-construidas-em-presidios-do-brasil>. Acesso em: 09 nov. 2018.

JUNIOR, Cesar Ranquetat. Laicidade, Laicismo e Secularização: Definindo e Esclarecendo Conceitos. **Revista do Centro de Ciências Sociais e Humanas**. Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. V. 21, N. 1 (2008).

KIMBALL, Roger. **Radicais nas universidades. Como a política corrompeu o ensino superior nos EUA**. Tradução Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. - 1.ed. - São Paulo: Peixoto Neto, 2009.

KLEIN, Herbert S. LUNA, Francisco Vidal. **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. Organização Daniel Aarão Reis Filho, Marcelo Ridenti, Rodrigo Patto Sá Motta. – 1 ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

LEITE, Fábio Carvalho. **O Laicismo e outros exageros sobre a Primeira República no Brasil**. *Relig. soc.* vol.31 no.1 Rio de Janeiro June 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-85872011000100003> Acesso em 11 de jun. 2019.

LIMA, Éber Ferreira Silveira. **“Entre a sacristia e o laboratório”**: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942) / Éber Ferreira Silveira Lima. --Assis, UNESP/Faculdade de Ciências e Letras, 2008.

LIMA, Fernanda Maria Vieira de Andrade. **Contribuições de Dom Luciano José Cabral Duarte ao ensino superior sergipano (1950-1968)** / Fernanda Maria Vieira de Andrade Lima. - São Cristóvão, 2009. 92 f. : il.

MACHADO, Manoel Cabral. **Brava gente sergipana e outros bravos**. Aracaju: s.n.t., 1998, p. 297.

MARIANO, Ricardo. **Laicidade à brasileira católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública**. Civitas, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258, maio-ago. 2011.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **O Celeste Porvir: A inserção do Protestantismo no Brasil**/ Antonio Gouvêa Mendonça. - 3. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

MESQUIDA, Peri. **Hegemonia norte-americana e educação protestante no Brasil**: um estudo de caso. Juiz de Fora, EDUFJF/S. Bernardo do Campo, EDITEO, 1994.

MONIZ, Jorge Botelho. As falácias da secularização: análise das cinco críticas-tipo às teorias da secularização. **Política & Sociedade** – Florianópolis – Vol. 1 – Nº 36 – Maio./Ago. de 2017.

MONTERO, Paula. Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil. **Etnográfica Revista do Centro em Rede de Investigação em Antropologia** vol. 13 (1). 2009. Varia. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1195>. Acesso em: 13 jun. 2019.

MORAIS, Gizelda. **D. Luciano José Cabral Duarte**: relato biográfico. 1ª ed. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade, 2008.

MOZZATO, Anelise Rebelato. GRZYBOVSKI, Denize. **Análise de Conteúdo como Técnica de Análise de Dados Qualitativos no Campo da Administração: Potencial e Desafios**. RAC, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em <http://www.anpad.org.br/rac> Acesso em 07 jan. 2020.

ORO, Ari Pedro. **A laicidade no Brasil e no Ocidente, algumas considerações**. Civitas, Porto Alegre, v. 11, n.2, p. 221-237, maio-ago, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>. Acesso em: 11 jun. 2018.

PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização: a propósito do autoengano em sociologia da religião. **Novos Estudos CEBRAP**. n. 49, p. 99-117, nov. 1997.

PIERUCCI, A. F. Reencantamento e dessecularização: a propósito do autoengano. **Religião & Sociedade**. Vol.31, n.1, 32-60, 2011.

RAMALHO, Jether P. **Prática educativa e sociedade**. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1976.

RIVERA, Paulo Barrera. Pluralismo Religioso e Secularização: Pentecostais na periferia da cidade de São Bernardo do Campo no Brasil. **Revista de Estudos da Religião**. março 2010, pp. 50-76. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n14/n14a05>. Acesso em: 11 jun. 2018.

SAMPAIO, Helena. **O ensino superior no Brasil: o setor privado**. São Paulo: Hucitec: FAPESP, 2000.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. In: **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPEd; Campinas: Autores Associados, v. 14, n. 40, p. 143-155, jan./abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v14n40/v14n40a12.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3 ed. rev.- Campinas, SP. Autores Associados, 2010. - (Coleção memória da educação)

SILVA, Márcia Cristina Amaral da. GASPARIN, João Luiz. **A Segunda Revolução Industrial e suas Influências sobre a educação escolar brasileira**. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario7/TRABALHOS/M/Marcia%20CA%20Silva%20e%20%20Joao%20L%20Gasparin2.pdf. Acesso em: 11 jun. 2018.

SOUZA, José Carvalho de. **Presença participativa da Igreja Católica na história dos 150 anos da cidade de Aracaju**. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 2006, p. 44.

SOUZA, Eliana. **História e Memória Universidade Federal de Sergipe: 1968-2012**. São Cristóvão: Editora UFS, 2015.

TANURI, L. M. **História da formação de professores**. Revista Brasileira de Educação, Rio

TERNISIEN, Xavier. **Etat et religions**. Paris: Odile Jacob-La Documentation Française, Debat Public, 2007.

TOBIAS, José Antônio. **História da educação brasileira**/ José Antônio Tobias. --3. ed. -- São Paulo: IBRASA, 1986.

TRAD, Leny A. Bomfim. **Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 19 [3]: 777-796, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n3/a13v19n3.pdf> Acesso em 02 dez. 2019.

ULLMANN, Reinholdo Aloysio. **A Universidade Medieval**. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2000. 486 p.

VIEIRA, Cesar Romero Amaral. **COMUNICAÇÕES**: Caderno do Programa de Pós-Graduação em Educação. Ano 9, nº 1, junho de 2002. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/comunicacoes/issue/view/119>>. Acessado em: 09 jul. 2018.

WOODS. T. E. J. **Como a Igreja Católica construiu a civilização ocidental**. Trad. Élcio Carillo. São Paulo: Quadrante. 2008. 222 p.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. A Universidade Moderna em diferentes contextos nacionais. In: **Revista EDUCAÇÃO BRASILEIRA** Brasília – Periódicos Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras Volume 21. nº 43. jul./dez. 1999 p. 171-189.

YAZBECK, Dalva Carolina de Menezes. A Universidade Moderna em diferentes contextos nacionais. In: **Revista EDUCAÇÃO BRASILEIRA** Brasília – Periódicos Revista do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras Volume 21. nº 43. jul./dez. 1999 p. 171-189.

ZEPEDA, José de Jesús Legorreta. Secularização ou Ressacralização? O debate sociológico contemporâneo sobre a teoria da secularização. Tradução de Paula Carpenter. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 25, n. 73. p. 129-141, jun. 2010.